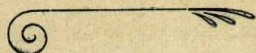


Antonio Gomes Ferreira Lemos



CONTRIBUIÇÃO

PARA O

ESTUDO

DA

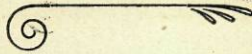
HIGIENE DO PÔRTO—ILHAS

~~~~~  
*OUTUBRO—1914*  
~~~~~

IMPRESA NACIONAL
de Jayme Vasconcellos—
Rua da Picaria, 35 e 37
PORTO —————

157/1 FMP

Antonio Gomes Ferreira Bemos



CONTRIBUIÇÃO

PARA O

ESTUDO

DA

HIGIENE DO PÔRTO—ILHAS

Dissertação Inaugural

Apresentada à

Faculdade de Medicina do Pôrto

~~~~~  
OUTUBRO—1914  
~~~~~

IMPRENSA NACIONAL
de Jayme Vasconcellos —
Rua da Picaria, 35 e 37
PORTO

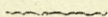
157/1 FMP

A Faculdade não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Faculdade de 23 de abril de 1840, art. 155.º)

À saúdosa memória de meu PAI

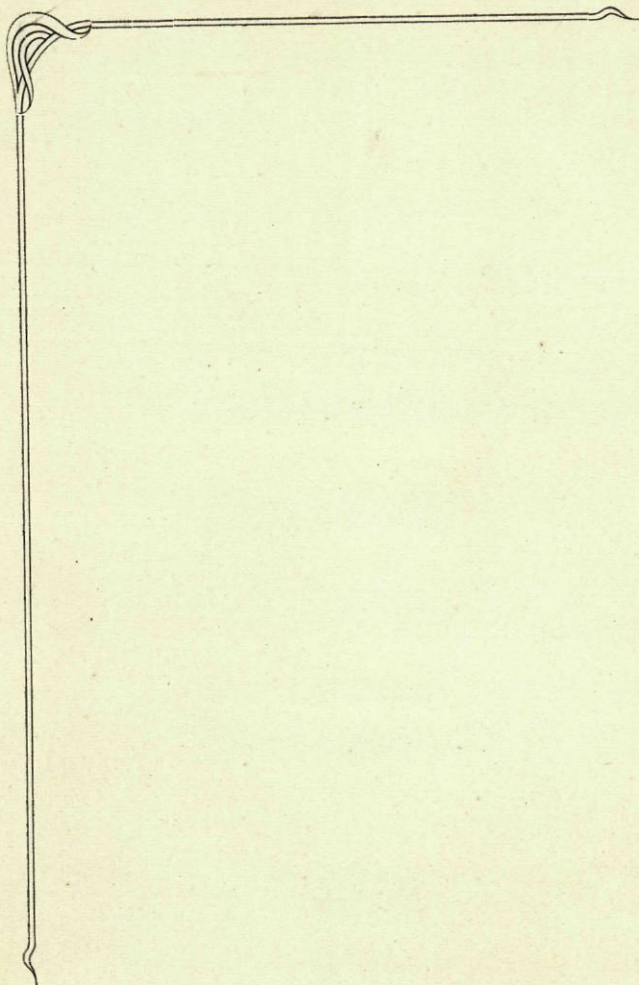
AOS MEUS



AOS MEUS PADRINHOS

Ao meu ilustre Presidente de tese

Dr. LOPES MARTINS



O assunto a que resolvemos dedicar as nossas últimas occupações escolares está de per si justificado. Embora reduzida e de somenos importância seja a nossa contribuição para trabalho de tanta monta, alguma coisa contudo haverá nela de aproveitável.

Bastava o facto de se chamar a atenção dos que em assuntos de hygiene social mais ou menos superintendem para este capitulo da hygiene do Pôrto — as ilhas —, salientando as miserias condições de salubridade que tais bairros oferecem, para que alguma utilidade destes nossos esforços se colhesse já.

Para este ponto de hygiene citadina — as ilhas na hygiene geral do Pôrto — já de há alguns anos se vem apontando as suas precárias condições habitacionais e alguns remédios ou pelo menos paliativos para tal situação. O problema é de certo modo complexo. Está estritamente ligado às condições económicas da muni-

cipalidade e dos inquilinos, e às condições económicas e morais—podemos dizer — dos proprietários.

Formulamos no final dêste nosso trabalho alguns projectos de melhoria das condições sanitárias das habitações proletárias que, apesar da sua comprovada necessidade, cremos bem, em nada virão modificar o actual estado de coisas.

Procurámos entre as dissertações dos últimos anos algumas que versassem especialmente êste assunto; quasi nada encontrámos, embora sôbre assuntos de hygiene do Pôrto haja entre outros os seguintes apreciáveis trabalhos:

Insalubridade do Pôrto—Dr. Furtado de Antas.

Águas do Pôrto—Drs. Adriano Fontes e Baía Júnior.

Peste—Dr. Carlos Fortes.

Escolas Primárias—Dr. Santos Pereira etc.

Nêste nosso modesto trabalho é de elementar justiça exprimir aqui o nosso profundo agradecimento ao Sr. Dr. Almeida Garrett que com a sua lúcida e culta intelligência nos orientou na execução dêste estudo e da melhor vontade se prestou a acompanhar-nos nas primeiras visitas que fizemos.

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Lopes Martins, nosso illustre presidente de tese, apresentamos os nossos sinceros agradecimentos pela sua annuência ao nosso convite juntamente com os protestos da mais profunda consideração.

I

A habitação na higiene geral dos centros urbanos, e a insalubridade do Pôrto

A habitação na higiene geral citadina tem, como se compreende por simples intuição, uma importância considerável.

Além do abrigo que oferece ao homem protegendo-o das variações de temperatura e influências atmosféricas, apresenta-se também como o teatro da maior parte dos actos da sua vida; é, principalmente, nos povos civilizados, o meio natural onde vivemos porque a vida fora não é senão accidental.

Este meio fictício com o seu clima e atmosfera artificiais não podia deixar de ter uma influência notável sobre a saúde dos seus habitantes, e a experiência tem-no assim-demonstrado.

Bastará lembrarmo-nos das condições fisiológicas, em que o organismo funciona, para avaliar da influência da habitação sobre a saúde dos que nela habitam.

Sendo o homem um animal diurno, para que viva

normalmente é preciso que receba a acção dos raios solares e ar puro de maneira a assegurar as combustões orgânicas que entreteem a sua energia física.

Casa que não satisfaça a tais condições, traz consigo funestas conseqüências, como diminuição de resistência física e moral e propensão para adquirir doenças inficiosas, principalmente a turberculose.

Um dos factores de máxima importância que intervêm ainda na perturbação da saúde é o modo de construção.

Em resumo eis, pois, as condições capitais a que deve satisfazer toda a habitação que Jules Arnoud resumiu na fórmula excelente :

«O ideal da habitação seria evidentemente uma criação que furtasse o indivíduo, ou família à acção das propriedades físicas da atmosfera, na medida conveniente e apenas nesta medida; ao mesmo tempo que permitisse aos interessados gozar da integridade perfeita das propriedades químicas e biológicas do ar», se bem que ela apresente quasi sempre condições higiénicas em relação com a situação económica do locatário.

Há nas classes médias e abastadas, segundo a maneira de ser de cada povo, disposições especiais da casa, do *home*.

Nota H. Baudin, architecto suíço, que os ingleses concedem dois terços das suas habitações aos aposentos de intimidade em que fazem uma vida mais demorada, a todas aquelas dependências que consideram primaciaes (quartos de dormir, sala de jantar,

cozinha, etc.), ao passo que os franceses em sentido inverso, cerceiam as instalações de viver íntimo e alargam tudo o que está ligado à vida exterior (sala de visitas, sala de jogos, *fumoir*, etc.). Conquanto isto talvez não deva passar duma generalização forçada, a verdade é que reflecte uma observação interessante para a influência da habitação na saúde dos povos.

Nos grandes centros urbanos, para evitar a acumulação, entre as classes médias há hoje a tendência a habitar os subúrbios que para isso são servidos com todas as comodidades por fáceis e frequentes meios de comunicação. Assim se consegue, indirectamente, uma melhoria de condições sanitárias dos grandes aglomerados, sempre reputados mais insalubres do que as aldeias e os campos.

Com efeito, devido ao desenvolvimento das indústrias que provocam a concentração dos operários nas cidades, fazendo desaparecer quasi por completo as fabricações rurais, os centros urbanos viram aumentar rapidamente a sua população duma maneira extraordinária. As construções tiveram que se acumular umas sobre as outras e encher-se duma população excessiva. Dessa acumulação de gente em espaços limitados resultou uma situação sanitaria especial, desfavorável, que se contrapôs à situação mais livre, mais desafogada, dos aldeãos.

Hoje a insalubridade das cidades está muito atenuada, porque, mercê dos progressos da hygiene, pode viver-se quasi tam bêm num centro urbano como nu-

ma montanha. São prova do facto as pequenas cifras de mortalidade que os higienistas teem conseguido obter em muitas cidades, principalmente na Alemanha, Austrália, etc. (Barmen—12,6; Cassel—12,7; Erbfeld—12,6; Shoneberg—11,3; Melbourne—12,5; Sydney—10,3).

Se se teem tam brilhantes resultados, êles estão longe de ser a regra. Por quási toda a parte ainda os aglomerados urbanos accusam taxas mortaliças muito superiores às médias dos países a que pertencem. Por isso, independentemente da feição que cada povo imprime à desposição das suas casas, são ainda as habitações das cidades que mais chamam a atenção dos higienistas.

E nas cidades, acima de tudo, as habitações das classes pobres interessam sob êsse ponto de vista.

Obrigados pelas condições económicas a viver amontoados em casas que são pela sua construção, pouco saudáveis, estão em muito piores condições que as classes mais abastadas que podem instalar-se em edificios espaçosos.

Na multidão dos elementos que definem a situação sanitária das classes pobres e que a tornam inferior, a perniciosidade da habitação sobressai nítidamente. Ninguém pode contestar que a insalubridade da habitação é um factor de pêso na mortalidade das classes proletárias.

As noções sobre a influência da casa na saúde dos habitantes, veem já do último quartel do século passado, hoje banais.

Apesar disso entre nós pouco se tem feito para melhorar essa cousa de mal estar sanitário. Apparentemente parece que o desenvolvimento das cidades por construções novas, em melhores condições que as antigas, devia trazer consigo um progresso na saúde pública. Mas na verdade, tal influencia não se fez sentir, porque não foi acompanhada das instalações sanitárias que são indispensáveis para um aglomerado urbano (principalmente as que se destinam à remoção de imundícies) e ainda porque casas antigas, como muitas das novas, só conseguiram descer em matéria de salubridade.

A situação sanitária dos nossos centros urbanos é bem revelada pela relação das suas cifras de mortalidade. Como diz o consumado homem de letras e ilustre higienista Prof. Ricardo Jorge: «morre-se mais ou menos conforme o bem ou o mal que se vive».

Em Portugal as taxas mortaliças mostram ser bem desgraçada a nossa maneira de viver.

Tirando Aveiro ¹, Santarém e Beja (cujas taxas mortaliças são respectivamente 14,78; 15,03 e 19,44), as capitais de distrito do continente apresentam taxas acima de 20, que sobem a mais de 25 em Leiria, Pôrto, Évora, Viseu e Braga. O Pôrto é, pois,

¹ Ricardo Jorge — *Demogenia e mortalidade das cidades portuguesas*. In — *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Vol. 1, fasc. 1.

dos mais carregados, e dos dois grandes centros demográficos (Lisboa e Pôrto) o mais prejudicado.

O Dr. Almeida Garrett num capítulo da *Gazeta dos Hospitais* ¹, sôbre mortalidade do Pôrto, diz: «o Pôrto é a mais insalubre das cidades da Europa, que demológicamente podem ser consideradas como tal. Atesta-o a cifra da sua mortalidade, o límpido espelho onde se reflecte o bom ou o mau viver dos povos, o instrumento aferidor das condições higiénicas em que decorre a vida dos aglomerados urbanos.

«As taxas de mortalidade do Pôrto teem sido as seguintes:

Anos	
1880 — 1884 31,94
1885 — 1889 32,63
1890 — 1894 30,32
1895 — 1899 29,62
1900 — 1904 29,82
1905 — 1909 31,00

«O que dá para taxa anual média o número redondo de 30 óbitos por 1:000 habitantes. Essa taxa altíssima tem sido sustentada, com ligeiras oscilações, de há trinta anos para cá. O Pôrto não tem feito progresso algum na sua salubridade.

¹ Almeida Garrett — *A mortalidade do Pôrto*. In — *Gazeta dos Hospitais do Pôrto*, n.º 17 de 1913.

«O que a cifra de 30 representa como significado da mortalidade do Pôrto, rápidamente se infere do confronto o que se faça com as taxas de outras cidades. Falkenburg, chefe da repartição de estatística de Amsterdam, publicou há pouco um rol de taxas mortaliças de 98 cidades europeias, sôbre as quais pôde obter documentos fidedignos.

«Pertencem essas cidades à Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Inglaterra, Grécia, Itália, Noruega, Holanda, România, Rússia, Suécia e Suíça. Portugal, como terra avessa às inutilidades da estatística não possui um boletim a equiparar aos que por toda parte são publicados.

«Com Lisboa (cuja taxa foi 1903-7, de 23,39) e o Pôrto, temos cem cidades prontas a curioso cotejo.

«Dessas cidades apenas quatro se aproximam do Pôrto no respeitante à mortalidade: Moscou com a taxa de 29,6, Barcelona com a de 26,7, Bucarest com a de 26,4 e Nancy com a de 25,9. Todas as outras estão abaixo de 25, a maior parte mesmo abaixo de 20».

Das cidades de quotas ínfimas já demos exemplos.

As más condições da habitação no Pôrto hão de fatalmente contribuir em larga escala para tal situação. Toda a população da cidade tem de sofrer com a falta de higiene geral urbana que caracteriza a capital do norte; mas as classes pobres, pelas condições particulares das suas habitações, devem ser excepcionalmente lesadas.

Apesar de íntimamente ligados, a habitação de nula higiene, a alimentação insuficiente e o excesso de trabalho, ainda pode seguir-se isoladamente o papel da primeira, estudando a doença em que a influência da habitação é principalmente notável: a tuberculose.

Depois de alguns trabalhos que mostraram já o papel que as casas insalubres desempenham na génese e propagação da tuberculose, o dr. Juillerat, director do Cadastro Sanitário das casas de Paris, veio colocar, com toda a precisão, as coisas no seu lugar, demonstrando rigorosamente como e quanto era notável êsse papel.

Com os resultados de onze anos (1893-1904) de funcionamento do Cadastro Sanitário, ¹ Juillerat chegou a conclusões definitivas, das quais destacamos as seguintes que são fundamentais: «Há casas e grupos de casas que constituem focos de tuberculose, que volta persistentemente a elas.

«Todos os quarteirões estudados e todas as casas designadas como focos de tuberculose apresentam os mesmos caracteres: ruas estreitas bordadas de construções altas, ou dispostas de forma a proibir a entrada dos raios solares nos locais habitados. Em suma: falta de ventilação e de iluminação, desta principalmente».

Mais uma vez se confirma a verdade daquele co-

¹ Juillerat — *Le casier sanitaire de maisons*. Paris, 1909.

nhecido provérbio persa, que Sousa Martins desejou em tempos adaptar ao português, dando-lhe uma forma rimada, que ficaria assim: « casa onde o sol não entra, muito o médico a frequênta » ou « casa onde o sol não tem entrada, pelo médico é muito frequêntada ».

Entre nós, um trabalho bem elaborado do Dr. Almeida Garrett ¹ sôbre « Tuberculose e habitação no Pôrto » mostrou que iguais conclusões se teem de tirar nesta cidade, indicando ao mesmo tempo onde está o perigo habitacional.

Seguindo topográficamente durante 10 anos (1903-1912) o rasto da tuberculose no Pôrto, resalta a predominância dêste flagelo em todas as freguesias que constituíam o velho burgo, e ainda dentro destas o adensamento em núcleos bem definidos. Os mais importantes são o bairro da Sé, o pequeno foco da rua dos Fogueteiros e vizinhos, o grande foco da rua de S. Vitor e o que vai das Musas ao largo da Fontinha. Fora destas zonas densas, as manchas, que salpicam a carta de distribuição topográfica do obituário por tuberculose, só se juntam nos pontos em que há aglomerados de ilhas: é a sua distribuição pela cidade que preside à distribuição da tuberculose.

O facto já visível olhando apenas os quarteirões

¹ Almeida Garrett — *Tuberculose e habitação no Pôrto*. — *Anais scientificos da Faculdade de Medicina do Pôrto*, n.º 2 e 3 do vol. I.

de casas, mais claro se torna, estudando-o prédio a prédio. A localização do obituário por edifícios, na cidade, segundo as notas que colhemos no trabalho do Dr. Garrett fornece-nos indicações de grande interesse.


A classificação adoptada para o Pôrto (no sentido de Juillerat em Paris), divide as casas quanto à frequência da tuberculose em 3 grupos: as que tiveram um número de óbitos inferior a dois em dezasseis anos — não infectadas; as que tiveram de três a cinco óbitos — a tuberculose tende a tornar-se endémica; as que tiveram mais de seis óbitos — foco caracterizado.

O Dr. Almeida Garrett encontrou assim no 2.º grupo, 508 casas com 1725 óbitos, e no 3.º 86 casos com 803 óbitos. A taxa de mortalidade desses edifícios (12,73), supondo que cada um alberga 50 inquilinos, é cêrca de quatro vezes superior à cota mortalícia nos restantes prédios (3,22), subindo a cêrca de três vezes a taxa obituária geral da cidade (14,64).

« As habitações mais atacadas são, ou as velhas casas alugadas aos bocados das ruelas do burgo antigo, ou as construções em ilhas dissimuladas por toda a cidade ».

Evidenciado assim o papel das habitações insalubres na saúde pública, estudar êste assunto, procurar a maneira de o resolver mais fácilmente é tarefa que se nos afigura dum alcance, cuja grandeza se impõe. E para o Pôrto, cuja taxa de mortalidade

é tão vergonhosa, a importância de qualquer contribuição sobe de valor. O Pôrto é uma cidade insalubérrima, e entre os factores dessa miserável característica, ocupa um dos principais lugares o estado da habitação.



II

Condições sanitárias da habitação portuense

Além de alguns trabalhos sôbre condições sanitárias da nossa habitação, como o do Dr. Furtado de Antas sôbre insalubridade do Pôrto, existem descrições mais ou menos brilhantes, mas apenas sob o ponto de vista literário ou etnográfico, como são os de Ramalho Ortigão e Rocha Peixoto, por exemplo.

Oficialmente respigam-se alguns informes nas páginas dos Inquéritos Industriais de 1881 a 1890 no que respeita à habitação do operário. Na província há a considerar o aspecto asseado e alegre que oferecem as casas caiadas do Alentejo e Algarve. Ao Pôrto, onde falta a cal, o aspecto é diverso, um tanto triste.

Ramalho Ortigão nas «Farpas», num diálogo entre um alentejano e um minhoto, faz brilhar as qualidades das respectivas províncias. No litoral de Aveiro as povoações piscatórias teem um aspecto primitivo. Entre êsses palheiros, há alguns construídos com uma espécie de adobe, a propósito dos

quais se conta a anedota: de diminuir no verão e crescerem no inverno, atendendo ao barro ou lama, que entra nas paredes.

Nos centros urbanos, que bem mais nos interessam sob o nosso ponto de vista, as condições em que se encontrava o nosso proletariado eram deploráveis.

O Dr. Antonio de Azevedo num relatório do 3.º congresso nacional contra a tuberculose, sobre construção de habitações operárias ¹ passou em revista os poucos trabalhos portugueses que sobre o assunto tem sido elaborados.

Em inquéritos feitos especialmente aos pátios de Lisboa e ás ilhas do Pôrto (1901-1902) apuraram-se as seguintes tristíssimas notas. Havia no Pôrto nessa época 1:048 ilhas com 11:129 fogos e onde vegetavam cêrca de 50:000 pessoas, a cada um dos quais competia uma superficie de 6 metros quadrados.

Em Lisboa de 221 pátios visitados apurou-se que 161 (1:926 habitações e 7:484 moradores) estavam em más condições, e 78 em estado condenável e absolutamente perigoso para os seus habitantes.

Como exemplificação das deploráveis condições sanitárias em que se encontram as casas focos de tuberculose, o Dr. Almeida Garrett inseriu no trabalho citado a descrição de duas dessas habitações maldi-

¹ Antonio de Azevedo.—*Construção de habitações operárias*—In-3.º congresso contra a tuberculose—Coimbra, 1907.

tas: uma ilha da viela da Pedreira (às Fontainhas), e uma casa dos velhos bairros da cidade, situada na rua dos Mercadores. Por essa descrição se vê quanto urge acabar com essa fonte de constantes perigos para a saúde pública, com esses agentes de manutenção dum condenável estado sanitário.

Os casarões antigos carecem de reformas radicais, e muitos deles, pela estreiteza das ruas em que se encontram, da total demolição. Assim há muitos desses bairros velhos que só arrasados se salubrihariam, porque é muito difícil, senão impossível conseguir tal fim com reformas em cada prédio. Essa obra de destruição seria maravilhosa para melhorar a salubridade do Pôrto, mas, como acentua o autor desse trabalho, «é preciso não esquecer que a acção tem que ser largamente traçada, efectivando as medidas de policia sanitária precisas para que não seja tolerada a existência das habitações manifestamente lesivas da saúde pública, que por toda a cidade estão disseminadas».

Entre estas habitações, as *ilhas* sobressaem com os seus caracteres próprios, que fazem delas exemplos típicos de insalubridade habitacional.

É preciso conseguir corrigir os seus defeitos, de modo a evitar que continuem a influir maléficamente sobre a população pobre que as habita.

Precisamos saber quais são os processos a empregar para conseguir esse *desideratum*, tanto no que respeita às obras a realizar, como ao modo de as tornar efectivas.

São dois os sistemas de sanear as habitações desta cidade: Construir casas novas com todos os preceitos higiênicos e de preços tais que sejam acessíveis ao operariado, e melhorar, por obras parciais, sob uma estreita fiscalização sanitária, o estado das já existentes.

Pondô de parte o primeiro (que é um interessantíssimo problema de higiene pública, só por si bastante para longo trabalho) vejamos com o que se pode contar para resolver o segundo, que é para o Pôrto de maior importância, visto haver grande dificuldade económica em construir bairros operários, e serem muito espalhadas as casas que carecem de reformas urgentes.

A legislação portuguesa sôbre higiene de habitações é muito deficiente. Em 1864 numa lei sôbre melhoramentos da capital, foram publicadas disposições sôbre altura dos prédios, jardins, esgotos, fiscalização sanitária, etc.; nada disso foi seguido.

O Regulamento geral de saúde (1901) preceituu vistorias às habitações que pelas suas condições de insalubridade reclamem obras de qualquer espécie, vigiar pelo estado sanitário das habitações das classes pobres, elaborar um cadastro sanitário das habitações de Lisboa e Pôrto, o impedimento às construções ou reformas de casas quando não haja o parecer favorável do Conselho de Melhoramentos Sanitários, etc., etc.

Manda o Regulamento de Salubridade das edificações urbanas (1903) que não se construa ou se

reconstrua no Pôrto prédio algum, sem que a Câmara Municipal dê licença, baseada em parecer prévio da Delegação distrital do Conselho de Melhoramentos sanitários; o regulamento indica as condições a que as diferentes partes do prédio devem obedecer.

Quási tudo isto se faz... nos regulamentos.

Há ainda a acrescentar a lei de expropriação por zonas (1912) que, permite a aquisição em boas condições, pelas municipalidades, de bairros ou casas insalubres a destruir.

Pelo que respeita pois á fiscalização sanitária dos prédios existentes, a parte mais importante n'uma cidade como o Pôrto, compete à delegação de saúde a missão de velar para que não constituam motivo de queixa para a saúde pública. Até hoje essa missão não tem dado resultado apreciável. O Pôrto continúa pejado de habitações insalubérrimas, que estão a mostrar claramente a ineficácia dos regulamentos que sôbre o assunto tem sido publicados.

Esboçada assim de corrida a absoluta insuficiência da hygiene official, de admirar não é que a situação sanitária das habitações, sem peias do Estado guardião da saúde pública, seja francamente má. Ficam livres, à solta, a ganância dos proprietários e a incultura dos inquilinos.

O resultado é deplorável.

Percorrer as casas pobres do Pôrto, e especialmente as *ilhas*, é passar junto da miséria, na sua expressão mais flagrante.

III

Plano dum inquérito às « ilhas » do Pôrto

Executar um inquérito a todas as *ilhas* do Pôrto não era trabalho que pudesse ser feito só por um indivíduo. Só uma entidade oficial, como o Conselho de Melhoramentos Sanitários que há anos realizou o inquérito já apontado, podia levar a cabo um estudo dessa ordem.

Por êsse inquérito sabemos que há no Pôrto mais de mil *ilhas* e que nelas vive quási a têrça parte da população da cidade. Mas o aspecto sanitário dessas habitações repete-se com uniformidade, de modo que, apresentando alguns exemplos, podemos concluir quais as condições gerais em que vivem os inquilinos dêsse modêlo de casas. Vimos pelas que percorremos que é permitido generalizar as conclusões que tirarmos do estudo de alguns exemplares. Por isso, visitámos diferentes bairros da cidade, colhendo observações das *ilhas* a que o acaso nos levou. Preferimos pontos da cidade em que abundam

essas habitações insalubres, guiados pelo mapa da distribuição domiciliária da Tuberculose no Pôrto, traçado pelo Dr. Almeida Garrett ¹. Foram os focos de S. Vitor, Campo Pequeno, Antas e Lapa, que por estarem fora da zona da cidade antiga devem a sua insalubridade à presença de grande número de *ilhas*.

O nosso inquérito foi dividido em três partes: **A)** Inspecção sanitária geral da *ilha*; **B)** Inspecção duma casa da *ilha*; **C)** Inquérito sòbre a população da *ilha*.

A — Ilha da rua

- 1 — Relações com a rua e casas vizinhas.
- 2 — Fábricas e focos de imundície nas vizinhanças.
- 3 — Orientação e aspecto do terreno.
- 4 — Disposição das construções e diferenças entre as casas da *ilha*.
- 5 — Estado dos espaços livres.
- 6 — Alojamentos para animais e lavadouros.
- 7 — Altura das paredes e sua construção.
- 8 — Estado e construção dos telhados.
- 9 — Relação do pavimento das casas com o terreno circundante.

¹ *Anais da Faculdade de Medicina.*

- 10—Estado dos tectos, paredes, pavimentos, portas e janelas.
- 11—Tubos de queda das águas pluviais.
- 12—Destino das águas pluviais.
- 13—Número e situação das latrinas e despejadouros.
- 14—Condições higiénicas dos locais em que estão instalados.
- 15—Modêlo das latrinas e despejadouros; destino dos dejectos.
- 16—Canos de esgôto.
- 17—Fossas.
- 18—Colheita e remoção do lixo.
- 19—Proveniência da água; estado e situação do poço.

B — Inspeção da casa n.º

- 1—Estado de conservação e limpeza da casa.
- 2—Número de divisões, sua disposição e utilização.
- 3—Iluminação natural; superfície das janelas e dos pavimentos iluminados.
- 4—Iluminação artificial.
- 5—Cubagem e ventilação dos quartos.

- 6—Cozinha e sua chaminé.
- 7—Locais destinados a trabalho; natureza dêste.
- 8—Lavatórios e bancas; destino das águas domésticas.

C — População da « ilha »

(POR CADA CASA)

- 1—Número de inquilinos e seu estado.
- 2—Época da domiciliação.
- 3—Número de camas; promiscuidade.
- 4—Fontes de receita dos inquilinos; profissões.
- 5—Importância de aluguer mensal.

Estabelecido assim o plano de inquérito, formulámos êste modelo com o maior número de dados que pudemos obter. Se alguns foram um pouco deficientes, a maior parte foi colhida com bastante extensão, de modo que as observações, acompanhadas da documentação fotográfica, servem para mostrar as condições lastimáveis em que vive a gente pobre do Pôrto e as medidas que é preciso tomar para lhas melhorar.

Quási todas as *ilhas* são edificadas no terreno que ocupa ordinariamente a casa do Pôrto (cêrca de 5^m,50 de largura), seguindo-se as casas umas às outras,

no espaço que devia ser para quintal da casa maior e edificada junto da rua. Quando esta disposição existia, não tomámos em consideração essa casa maior, com fachada para a rua, por não se assemelhar às restantes casas da *ilha*, da qual sanitariamente não faz parte. Em cada *ilha* às casas consideradas não compreendem pois todo o prédio, todas as casas do proprietário, mas só aquelas que verdadeiramente se devem considerar como *ilha*.


Quando as casas eram desiguais, escolhemos uma que não fôsse nem das melhores nem das piores, para dar a impressão das condições da *ilha*.

A inspecção sanitária geral das *ilhas* e das casas tomadas para exemplos em cada uma delas foi pautada pela norma estabelecida nos exercícios de avaliação da salubridade das habitações que realizámos como trabalhos práticos de higiene na Faculdade de Medicina do Pôrto, modificando-a apenas na disposição para se adaptar melhor ao género de prédios que íamos visitar.

A êsse inquérito sanitário foi anexado um pequeno questionário sôbre a população das *ilhas*, destinado a investigar as condições económicas dos moradores e a sua maneira de viver dentro das suas sumárias habitações.

O nosso inquérito estendeu-se a dez *ilhas*; não visitámos mais, como era nossa tenção, por circunstâncias particulares que nos impediram de dedicar mais tempo a êste trabalho. Atrevemo-nos a apresentar um estudo sôbre as *ilhas* do Pôrto baseado

nestas dez observações, porque, pelo que vimos e pelo que nos informaram, o aspecto dessas habitações insalubres repete-se com grande uniformidade, sendo as diferenças entre as centenas de *ilhas* espalhadas pela cidade, mais relativas ao tamanho do terreno e número de inquilinos que as habitam do que às suas condições de salubridade que, com raras exceções, são o que há de pior.



IV

Condições sanitárias das "ilhas,,

Quási todas as *ilhas* que visitámos são, como já dissemos ser a regra geral, edificadas em fiada no terreno que no Pôrto é destinado a uma ou duas casas, um ou dois *chãos*, como se lhes chama. Dêsse terreno pouco fica livre, pois o engenho do proprietário consistiu em cobrir quanto possível de construções todo o espaço de que dispunha, de modo que entre as casas quando estão dispostas em duas filas, e entre as casas e o terreno vizinho quando fazem só uma fila, apenas ficam vielas para entrada dos habitantes. São assim as *ilhas* I, II, III, IV, V, VII, IX e X. Só duas das dez *ilhas* visitadas fugiam a esta disposição, porque, sendo edificadas em terrenos maiores, as suas casas ou se dispunham em volta dum largo como na da observação VIII ou tinham várias vielas com casas dum e doutro lado para aproveitar ainda mais o terreno, como na VI.

O solo da ilha, quási sempre sensívelmente plano,

é por vezes irregular, em rampa ou em escadas, conforme a disposição primitiva do terreno que se não melhorou para ser edificado. Acontece por isso que o solo da ilha fica algumas vezes num plano inferior ao da rua, sendo preciso descer escadas para dar serventia às casas (Obs. II, III e X).

Isso mais contribui para encurralar as casas entre os edifícios vizinhos, que quando não são ilhas apresentam geralmente vários andares; mesmo nas ruas, como na de S. Vítor, em que as ilhas abundam extraordinariamente, as casas construídas e em face da rua são muitas vezes de mais dum andar, como sucede na Obs. II.

Se as *ilhas* estão no Pôrto tão espalhadas que as melhores ruas as teem, e muitas vezes ruas largas possuem grande número dessas habitações colectivas (como das que visitámos as de S. Brás, S. Vítor, Campo Pequeno e Miguel Bombarda), a própria rua contribui a tornar más as condições de vizinhança, pela sua estreiteza e porcaria (como sucede nas das Antas e S. Denis). As ilhas não são pois habitações desafogadas; não teem jardim, e todo o terreno livre que teem é para dar passagem aos inquilinos e vaguearem galinhas e crianças no mesmo sujíssimo convívio.

Os espaços livres são muito pequenos em geral. Quando apresentam a forma de viela com casas ao lado, é raro terem mais de I metro de largura; do outro lado das casas, se não há outras casas da *ilha*, há a parede alta de qualquer casa de habitação ou um

muro que separa a *ilha* dos quintais vizinhos. Algumas vezes a largura das vielas desce o estritamente preciso para dar passagem aos inquilinos, como numa das *ilhas* das Antas (Obs. vi). É raro, mesmo nas ilhas melhores, que haja em frente às casas um espaço desafogado; na Obs. ix que faz excepção a todas as que vimos pelas suas boas condições sanitárias, a ruela não tinha mais dum metro. Por esta forma o sol tem dificuldade em entrar nestes aglomerados de casas, cuja orientação é muito diversa, podendo o acaso ter-lhe dado a mais desfavorável.

O solo é quasi sempre térreo, ou, o que vale o mesmo se é que não é pior, muito mal empedrado. Só nessa *ilha* ix o solo estava cimentado. Com o chão irregular a água que vem dos telhados em tubos de queda empoça; nalgumas das *ilhas*, apesar de não ter chovido há tempo, havia ainda pequenas poças de água sujissima por todo o género de detritos. A limpeza é em geral desconhecida. Quando vem a chuva lava o chão do lixo que nele se foi juntando enquanto fêz bom tempo, vindo a água para a rua, ou para os terrenos vizinhos quando a *ilha* fica abaixo do nível daquela, pois só duas vezes (Obs. iv e ix) vimos grades de escoadouro para os esgotos públicos.

A inquinação do solo e da atmosfera é consideravelmente aumentada pelo estado dos galinheiros, latrinas e despejadouros.

Quando as galinhas não vivem dentro das habitações como muita vez sucede (Obs. i, iii, v, vi), miseráveis barracas servem para as guardar, com o solo

em terra, sem protecção alguma. Mas as latrinas representam o máximo possível da insalubridade.

O modelo constantemente observado das latrinas das *ilhas* consiste no seguinte: no chão é cavada uma fossa para receber os dejectos, sôbre essa cova assenta-se um pavimento de madeira com um alçapão destinado a retirar os dejectos quando a fossa está cheia. Ao lado dêsse alçapão talha-se uma abertura quadrada que se cobre com uma caixa de madeira tendo um buraco no centro. Não há instalação mais primitiva; as fezes caem directamente na fossa, não sendo precisa água para limpeza, porque não há nem bacia nem canos para limpar a cada dejecção. Os gases da fossa saem à vontade pelas frinchas do pavimento e pelo buraco da caixa de assento. A cova com as fezes é um poço de dejectos a empestar o solo e a atmosfera.

Ao lado destas latrinas há às vezes uns despejadores para a mesma fossa, destinados a receber o lixo, e cuja diferença da sentina está apenas em ser maior o buraco da caixa de madeira. É assim nas ilhas I, IV, VII. Às vezes nem essa segunda divisão existe e a retrete serve também de despejador do lixo, pelo mesmo buraco ou por um buraco ao lado aberto na mesma caixa; tem estas latrinas despejadores nas ilhas II, III, V, VI, VIII e X. Só uma das observações, a da já mencionada ilha IX tinha êste modelo mais aperfeiçoado, com o pavimento mais unido, bacia de louça e tubo de queda levando os dejectos desta até à fossa cavada a pouca distância.

Estas latrinas primitivas estão quási sempre alojadas em pequenas casas de pedra, sem janela, construídas junto das habitações (Obs. I, II, IV, VI, VII, VIII, IX, X). Algumas vezes mesmo ficam nos baixos duma habitação, como na ilha III.

O lixo doméstico, quando não é simplesmente atirado em grande parte para a ruela da ilha (Obs. IV e VI), é lançado nestas latrinas ou acumulado em pequenos montes para ser levado pelos lixeiros das ruas; vimos um destes depósitos pestilenciais na ilha X. A limpeza de todos os locais de recepção de dejectos é o mais possível precária; a imundície repugnante é a regra geral.

É num solo conspurcado por esta forma que algumas ilhas se abrem poços. A água é tão má que os habitantes da ilha, apesar do desconhecimento total de qualquer preceito de higiene, dizem só a utilizar para lavagens. É de crer que, por negligência, algumas vezes a usem para alimentação, para não terem que ir buscar a água (melhor, mas não boa) das fontes públicas. São utilizadas as águas das fontes que ficam mais próximo das *ilhas*, água que, pelos trabalhos feitos no Laboratório de Bacteriologia (Sousa Júnior, Adriano Fontes, Baía Júnior) foi condenada imprópria para consumo.

Nas *ilhas* em que havia poço (VII, IX), a fossa ficava à distância de poucos metros; na ilha (VII) há ao lado uma pia destinada a lavadouro, sem qualquer canalização para as águas sujas que dela saíam, e que voltam assim, quási na mesma, para o poço.

É num terreno assim insalubre que assentam as casas de habitação. O seu primeiro pavimento fica em regra muito pouco acima do nível do solo, de modo que, como faltam as canalizações para as águas pluviais, não tem defesa contra as invasões das chuvas abundantes.

Quási sempre as casas são só de rés-do-chão, com paredes de pedra mal rebocada, e telhados de telha velha, janelas com vidros partidos, tudo mal cuidado e sujo. O tecto das divisões é formado pela armação do telhado, enegrecida pelo fumo. Quando há mais dum andar, o soalho do andar superior forma o tecto do que fica por baixo. Por dentro as paredes são de caliça pouco espêssa e irregular e os tapamentos que dividem as diferentes partes da casa são de madeira tôscamente trabalhada; estes tapamentos não são completos, pois, ou não chegam ao tecto ou não teem portas.

Êste aspecto de miséria só não pertencia à ilha da rua de S. Brás já mencionada como excepção entre as visitadas (Obs. ix).

É nestes casebres, de reduzidíssimas dimensões, como vamos ver, que vivem famílias inteiras, numa acumulação e promiscuidade espantosas.

É rara a casa que consta de mais de três divisões: sala, alcova e cozinha. Na realidade é como se se tratasse duma só sala, da qual se separassem com estreitos e incompletos tabiques de madeira dois compartimentos mais pequenos, um para quarto de dormir e outro para cozinha. Em todo o nosso inquérito

só duas casas tinham a mais do que esta disposição um pequeno quarto no desvão do telhado (Obs. vi, ix), para o qual se subia por estreitas escadas lançadas da sala.

Toda a casa de habitação não ocupa em regra mais do que 16 metros quadrados de terreno. Algumas há que nem tanto contam de superfície, descendo esta a 9 metros quadrados ou pouco mais (Obs. ii, iii, iv, x). Como não há mais divisões do que as instaladas num pavimento (pois que só poucas vezes debaixo do telhado se aproveitou um pequeno quarto) a cozinha tem de ser tirada nesta escassa superfície, bem como a sala e os quartos de dormir. Por isso não há verdadeiros compartimentos, mas apenas tapamentos simulando uma divisão da casa para diferentes usos. A atmosfera é comum a toda a casa.

Estas divisões incompletas são ordinariamente em número de três: uma sala, uma alcova e uma cozinha. Como a alcova é muito pequena, cabendo nela sómente uma cama, a sala serve também de dormitório.

A cubagem ordinariamente não chega a 30 metros cúbicos, descendo por vezes a números muito mais baixos, 18 (Obs. ii), 22 (Obs. iv) e 24 (Obs. iii e x). Em algumas casas era bastante superior, acima de 45 metros cúbicos (Obs. v, vii e viii), sendo portanto, ainda assim, pequena.

O Regulamento de Salubridade das Edificações Urbanas marca 25 metros cúbicos por pessoa para os quartos de dormir. Êste limite, preconizado pelos

higienistas, pode ser reduzido a 15 metros cúbicos, mínimo da cubagem precisa para que sem uma ventilação violenta a atmosfera se conserve suficientemente pura. Como em média há mais de 3 habitantes por casa de *ilha*, só as casas mais vastas teem dimensões aceitáveis para nelas habitar uma pequena família.

Há muita acumulação de habitantes nas *ilhas* e essa é uma das razões da sua insalubridade, pois que ainda que as casas estejam em boas condições higiénicas, estas de pouco valem se forem habitadas por um número de pessoas desproporcionado com as suas dimensões.

Assim como as casas são pequenas no interior, o espaço livre que a cada uma pertence é também diminuto. As vielas que lhes dão serventia, com 1 metro ou pouco mais de largura, dão para cada casa um terreno não construído de 3 a 5 metros quadrados. É raro que com êsse terreno, a casa toda ocupe uma superfície superior a 20 ou 25 metros, e por vezes ela é muito inferior, como na Obs. II em que regula por 15 metros quadrados.

A atmosfera destas casas com uma excessiva população, depressa se inquina, sendo já má pela acumulação de casas que impede uma ventilação larga dos edifícios e pela situação das fedorentas latrinas. A falta de cuidados na construção e o mau estado de conservação em que as casas se encontram, faz com que a ventilação se dê sem necessidade de disposições especiais, porque o ar tem muitas frestas por onde entra e sai à vontade pelos tectos em telha vã.

Essa miséria das construções, se dá êsse resultado favorável, por outro lado prejudica os inquilinos que sujeita mais às influências atmosféricas do exterior e principalmente permite que a humidade invada as habitações.

Pelo que respeita aos quartos de dormir, se fôssemos a fazer a conta só à cubagem das alcovas que se destinam especialmente a êsse fim, então encontraríamos cifras insignificantes, de 4 ou 5 metros cúbicos, absolutamente insuficientes para consentirem a vida neles por umas poucas de horas. Nos quartos do telhado a cubagem que num era de 17,5 metros cúbicos, descia noutra a menos de 6 metros cúbicos, não tendo êste janela sequer.

Mas, como dissemos, a atmosfera das casas deve considerar-se por inteiro, como comum a todas as divisões, incluindo a cozinha. Esta quási sempre tem a sua chaminé, o que não impede que contribua para a inquinação do ar da habitação.

Depois de durante uma noite inteira (com os gases do fogão, com a inquinação pelo candieiro de petróleo que constitui o processo de iluminação usual) uma família ter dormido num desses casebres, a atmosfera deve ser terrível.

Não estão mais bem servidas pelo que respeita à iluminação, as casas das *ilhas*. A luz solar entra por estreitas janelas, abertas nas fachadas, uma por cada casa.

A maior parte das vezes as janelas são muito pequenas em relação ao espaço que pretendem iluminar.

Relacionando a superfície das janelas com a do pavimento da casa sobre que actua a luz solar (maneira simples de avaliar a necessidade de superfície de abertura para entradas da luz natural), vê-se que nas observações que colecionámos a proporção apparece muita baixa. Nas mais bem iluminadas é de $\frac{1}{12}$ ou $\frac{1}{13}$ (Obs. II e IX), mas desce muitas vezes a cerca de $\frac{1}{20}$ (Obs. IV, V e VII) e até a perto ou mais de $\frac{1}{30}$ (Obs. I, III, VIII e X). Admitindo o limite mínimo de $\frac{1}{10}$, que já é bem baixo, conclui-se que em muitas casas é preciso duplicar ou mesmo triplicar a superfície das janelas, para que a iluminação natural se faça com intensidade bastante.

Pelo que respeita às condições da construção, quasi todas as casas estavam velhas, mal cuidadas, e precisavam de pequenas reparações nos telhados, nos soalhos, paredes, portas, janelas, etc. As paredes deviam ser caiadas com frequência.

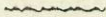
Fora da casa, os terrenos livres, por serem mal lageados quando não são térreos, permitem uma conspurcação constante que é difficil evitar pela limpeza. *Ilhas* havia em que para as vielas que separam as casas deitavam detritos que para aí ficavam inquinando o solo e o ar. A esse factor da insalubridade junta-se o dos galinheiros, em terra, sem protecção alguma contra os dejectos dos animais.

Em muitas *ilhas* nem esses galinheiros há, e as galinhas vivem nas casas em perfeita sociedade com os inquilinos.

Num solo assim inquinado abrem-se por vezes

os poços de que os habitantes se servem para lavagens, e talvez muitas vezes para alimentação. O que essa água será, é fácil compreender sabendo-se que, além dos motivos apontados de insalubridade do terreno, êle está semeado de fossas, que quasi sempre estão mesmo ao lado dos poços. As latrinas são terríveis elementos de viciação do terreno das *ilhas*, assim como da sua atmosfera.

Assim às péssimas condições sanitárias da casa se juntam as más condições gerais da *ilha*, dando um conjunto lastimável. Não há palavras com que descrever com realidade a miséria dessas habitações, em que vivem, se é que isso se pode chamar viver, as classes pobres do Pôrto. Percorrendo-as, tem-se a impressão de que se não pode viver em mais precárias condições de hygiene, e não se fica admirado quando se lêem as estatísticas, mostrando que o Pôrto é a cidade mais insalubre da Europa. Com tais casas não há saúde pública possível.



A população das "ilhas,"

A parte do inquérito às ilhas que dizia respeito à sua população, foi reduzida ao mínimo, perante a dificuldade de obter dos inquilinos informações mais completas. Ainda assim, apesar de se limitar à sua instalação nas casas e à sua situação económica, algumas vezes tivemos que deixar em branco as casas pertencentes a êste último dado; umas vezes porque os inquilinos estavam para fora, outras porque não queriam dizer quanto ganhavam com receio de que as contribuições subissem, etc. Muitas vezes não podiam realmente fixar uma quantia, porque exercem profissões sem remuneração fixa, quer dependa da quantidade de trabalho que executem (como os operários das fábricas em que o trabalho é pago à peça), quer exerçam profissões sem ocupação certa (como carrejões, vendedores ambulantes, etc.).

Há casas em que os habitantes não teem nada seguro para poderem viver. Nas que teem um chefe de família com um salário mais ou menos certo, há

que acrescentar a esse salário pequenas quantias que as mulheres ganham fazendo serviços domésticos, como recados, limpeza de casas, etc.

Apesar de não terem ficado preenchidas por inteiro algumas colunas do quadro do nosso inquérito, podem tirar-se impressões da maneira como vivem os habitantes das *ilhas*.

A acumulação habitacional é enorme. Em 116 casas residem 418 pessoas, o que dá uma média de 3,6. É um número muito elevado, como vimos, para a pequena capacidade das habitações. Muitas dessas pessoas passam em casa a maior parte do tempo, porque pululam as crianças nessa população acumulada; dos 418 habitantes são adultos 225 e crianças 193. Das 116 casas só 28 as não teem; são pois, 88 casas com 193 crianças, o que dá uma média de crianças de 2,2 por casa.

Apontando, casa a casa, o número de inquilinos, vemos que metade das casas teem mais de 3 habitantes:

Casas com 1 habitante	5
» » 2 habitantes	27
» » 3 »	27
» » 4 »	25
» » 5 »	22
» » 6 »	5
» » 7 »	3
» » 8 »	1
» » 9 »	1

É muito freqüente encontrar 4 e 5 pessoas a viver no mesmo abafado cubículo. Algumas vezes mesmo o número sobe, e são 6, e até 7, 8 e 9, que se aninham numa pequena sala e alcova.

A população das *ilhas* vive assim numa grande promiscuidade. Ainda que todos dispusessem das suas camas, o facto de não haver divisões na casa, além dos incompletos tapamentos que descrevemos, faz com que vivam, por assim dizer, no mesmo quarto. Investigámos essa promiscuidade, e vimos que o numero de leitos é em geral muito reduzido, ficando as crianças freqüentemente às 3 e 4 na mesma cama.

Nas casas que tinham 3 ou mais habitantes, o número de camas em relação ao número de habitantes era o seguinte:

N.º de habit. da casa	Casas com 1 cama	Casas com 2 camas	Casas com 3 camas
3	10	15	2
4	5	17	2
5	1	18	3
6	—	4	—
7	—	—	3
8	—	1	—
9	—	—	1

A miséria chega a numa casa com 8 pessoas haver só 2 leitos.

Na maior promiscuidade vive essa população po-

bre em condições económicas deploráveis, pelo menos para a maior parte dos inquilinos.

Com efeito, pelo que pudemos avaliar, a regra geral é serem muito pequenos os salários que auferem para a sua sustentação a gente que vive nas ilhas, e que é o proletariado da cidade na sua maior parte.

Dos 53 habitantes de que pudemos apurar, a quantia dos salários, 12 ganhavam menos de 30 cent., 13 ganhavam de 30 a 39 cent., 10 de 40 a 49 cent., 7 recebiam uma diária de 50 cent., 11 de 60 cent., e só 3 ganhavam quantias superiores a esta última.

Dos que ganham menos de 30 cent., a grande maioria são mulheres. O salário destas não passa mesmo no nosso inquérito dêste limite, se exceptuarmos uma costureira que tinha a diária de 48 cent. Todos os ordenados superiores a 30 cent. pertencem a homens. De 45 salários de trabalhadores, que colleccionámos, 23 oscilavam entre 30 e 50 cent. sem alcançar esta quantia, que só 7 recebiam; dois terços teem assim receitas entre 9 e 15 escudos por mês, para ordinariamente sustentarem uma família de 3 a 4 pessoas.

Nos três casos em que a diária se eleva a mais de 60 cent., as famílias dos inquilinos (um tipógrafo com 70 cent., um guarda civil com 75 cent., e um afinador de teares com 90 cent.) compunham-se de casal e 2 filhos, casal e 3 filhos, e casal e 3 filhos.

Com tão escassas receitas o dispêndio com a habitação não pode ser grande. As rendas teem de ser muito pequenas e as casas portanto pequenas tam-

bêm. Em todo o caso notámos a êste respeito muitas desigualdades na carestia das habitações, que nos parecem provar que por um preço médio era possível fornecer habitações muito melhores do que em regra são as das *ilhas*.

Das 109 casas pudemos investigar os alugueres, estes eram 50 vezes de 1 escudo ou quantia inferior, 41 vezes eram entre 1 escudo e escudo e meio inclusivê, 11 vezes passavam desta quantia sem chegarem a 2 escudos, 7 vezes eram de 2 ou mais escudos.

Casas com alugueres de	80 cent.	17
» » »	de 90 »	12
» » »	de 1 esc.	21
» » »	de 1,10 »	13
» » »	de 1,20 »	16
» » »	de 1,30 »	2
» » »	de 1,40 »	5
» » »	de 1,50 »	5
» » »	de 1,60 »	6
» » »	de 1,70 »	1
» » »	de 1,80 »	4
» » »	de 2 »	1
» » »	de mais de 2 esc.	6

109

Tomando a receita de todos os alugueres das 109, vemos que dão a quantia de 130,7 escudos, o que dá 1 esc. e 45 cent. de aluguer mensal médio.

A maior parte das casas, porém, não rendem mais do que 1 esc. e 20 cent. Se há *ilhas* com alugueres baixos, em poucas casas excedendo 1 esc. (como os das Obs. I, III, VII, VIII e X), em cinco as casas sobem de preço, com alugueres em média de 1\$20 (Obs. VI), 1\$50 (Obs. II e IV), 2\$00 (Obs. V), e 2\$50 (Obs. IX). Ora tirando as casas desta última categoria de alugueres e que pertencem à ilha da rua de S. Brás apontada como excepção, não há entre as habitações restantes diferenças que justifiquem esta desigualdade de alugueres, que dumas *ilhas* para outras, dobra a sua importância. Também não há comparação entre os preços das casas de 1\$50 e 2\$00, pelo que respeita a condições gerais dos prédios, e os da referida Obs. IX, cuja construção é muito superior, sendo o excesso no aluguer apenas duns 25 ou 30 por cento.

Compreende-se que não seja possível fornecer uma casa razoável por 80 ou 90 cent. mensais, mas deve-se presumir que por uma quantia dupla já a casa deve ser muito melhor, tanto no tamanho como principalmente na construção. É isso que se não dá, pois vê-se pelas observações que publicamos, que pouco melhoram as habitações das *ilhas* com o subir dos alugueres.

Este aspecto económico é muito importante, pois é preciso tomá-lo sempre em conta, num dos primeiros lugares, quando se procure resolver o problema da salubridade das casas dos operários.

VI

Medidas contra a insalubridade das "ilhas,"

Examinando as condições sanitárias das *ilhas* do Pôrto, vemos que para a maior parte delas só a demolição deveria ser aconselhada. Esta maneira de ver, absolutamente fundamentada, é hoje quasi tida como banal pelo público que faz de higienista amador nesta questão.

Como um desideratum destes não pode ser atingido por um conjunto de causas óbvias, vamos expor uma série de medidas que atenuariam, dum modo ainda importante, as precárias condições sanitárias da quasi totalidade dos *cortiços* do Pôrto.

É melhor indicar os meios de salubrizar — quanto pode ser — as actuais *ilhas* do Pôrto do que projectar (mas projectar só) grandiosas e radicais obras.

Começamos por nos referir à densidade de população nas habitações em relação com a cubagem fornecida.

Admitindo o limite mínimo de 15 metros cúbicos

por pessoa para quarto de dormir, cada casa para 3 ou 4 inquilinos devia ter 45 ou 60 metros cúbicos, isto é, tanta capacidade quanta apresentavam algumas casas das ilhas visitadas. Deveria, por consequência ser marcado um limite máximo de inquilinos. As casas, como nós vimos, de 18, 22 e 24 metros cúbicos são impróprias para serem habitadas por mais do que uma pessoa.

Quanto à ventilação ela actualmente faz-se até de mais, dado o estado destas habitações. Em casas regularmente vedadas seria preciso abrir pequenos respiradouros para a entrada do ar, podendo-se aproveitar a chaminé como orifício de saída, pois que é impossível, em vista das exíguas dimensões das casas, isolar a atmosfera da cozinha da parte habitada.

Sobre iluminação nada há de aproveitavel nas *ilhas* visitadas. Supondo que as janelas tinham as dimensões mínimas de $\frac{1}{10}$ da superfície a iluminar, mesmo assim, as janelas precisavam de ser largamente rasgadas. É uma obra fácil e de largo alcance higienico por conseguir a penetração do grande desinfectante natural — o sol.

Do mesmo modo que para a cubagem das habitações, a autoridade sanitária devia obrigar cada casa a uma determinada quota de superficie de janelas.

Quanto aos restantes motivos da insalubridade das *ilhas*, são devidos à propria construção e ao mau estado de conservação. Não se podem estabelecer regras gerais, dependendo do estado de cada prédio as reformas a preconizar. Renovação de soalhos, re-

vestimentos impermeáveis nos pontos mais sujeitos à humidade, compostura nos telhados, nas portas e janelas, caiações, etc., são obras que quasi todas as casas do nosso inquérito estavam mais ou menos pedindo.

Com relação ao solo em que estão edificadas as *ilhas*, devia ser impermeabilizado e com inclinação suficiente para que se esgotassem bem as águas das chuvas, por meio duma canalização que as recolhesse no ponto mais baixo do solo e as levasse ao encanamento da rua. Os tubos de queda vindos do telhado são dispensáveis.

Alojamentos para animais sem as precisas condições de hygiene (cimentação do chão e canalização para os dejectos que podia ser ligada à das águas pluviais), deviam ser prohibidos dentro do terreno das *ilhas*.

Dois pontos importantes nos restam ainda sôbre a hygiene da ilha: o abastecimento em água e o sistema de fossas.

Quanto ao primeiro referimo-nos apenas à dos poços. A das fontes públicas faz parte da hygiene da cidade. As águas dos poços do Pôrto são impróprias para consumo da população, segundo análises dirigidas pelo prof. Sousa Júnior. Nem podia deixar de ser assim, pois que o solo da vizinhança dos poços está absolutamente inquinado pelas fossas; estas não teem revestimento de qualquer espécie. Deviam estes poços ter uma grande placa com a designação de que esta água é perigosa para a saúde. Far-se-ia

assim um aviso permanente aos inquilinos. Os poços precisam de ser bem fechados, evitando-se a conspurcação da água por detritos lançados ao poço e pelas águas de lavar o pavimento do terreno em que se abre.

O problema das latrinas das *ilhas* é de difícil resolução. Para que uma latrina seja boa, higienica, é indispensável que tenha o sifão hidráulico. Sem uma boa obturação do cano que leva os dejectos para fora da habitação não é possível libertar esta dos gases da água de esgôto.

Como no Pôrto não há ainda a funcionar uma rêde de esgotos bem construída, é preciso usar o expediente das fossas fixas. Ainda que houvesse uma boa rêde de esgotos, as fossas continuariam a existir em muitas casas, porque não há água para fazer funcionar convenientemente as canalizações de esgôto doméstico. A água é tão cara no Pôrto que é impossível obrigar os habitantes das casas pobres, como as *ilhas*, a gastar dela para fazer funcionar os sifões das latrinas. É verdade que, nas que teem terreno livre, a água podia deixar de ser da Companhia e ser canalizada para um depósito que cada *ilha* tivesse num plano superior ao das latrinas, sendo trazida para aí por uma bomba aspirante-premente que a tirasse do poço.

Assim já poderiam ter sifões as latrinas das *ilhas* e ser utilizada duma maneira geral a nova rêde de esgotos que há anos está enterrada nas ruas da cidade, sem servir para nada. Contra esta solução pa-

rece-me que só há a opor os costumes dos habitantes, que talvez se não conformem com a conservação dos aparelhos de descarga de água, mas com uma fiscalização persistente havia de entrar nos hábitos da gente pouco culta que vive nas *ilhas*. O sifão hidráulico devia pois ser obrigatório em todas as latrinas.

Enquanto não há rede de esgotos na cidade, as fossas fixas tem que continuar, mas é indispensável que não inquinem o sol e o ar, como agora fazem. Para isso é preciso impermeabilizar as suas paredes, fazer com que a cobertura e a tampa destinada a retirar os dejectos a fechem herméticamente, e dar saída aos gases da decomposição dos dejectos, de modo que saiam o menos possível pela abertura de recepção.

Cimentando bem as paredes, pondo uma cobertura de lousa ou cimento armado, com tampa de ferro, consegue-se impedir a inquinação do solo, conquanto seja sempre muito difícil obtêr êste resultado por completo; a ventilação da fossa faz-se com facilidade por meio dum tubo que vá abrir acima do telhado das casas próximas, rematando por uma pequena mitra em que a acção do vento provoca a aspiração dos gases. Os locais em que estão as sentinas devem ser largamente ventilados e iluminados.

São estas medidas, simples e baratas, que o assistente de higiene, Dr. Almeida Garrett, prescreve como sub-delegado de saúde para melhorar as latrinas das *ilhas*, atendendo a que não pode, por falta

de autoridade das entidades sanitárias, estender mais as obras, obrigando à instalação de sifões hidráulicos; aconselha, em vista dos costumes dos habitantes, a latrina turca, substituindo o actual assento de madeira que está sempre imundo.

Para lançar as águas domésticas e o lixo, ao lado do buraco da latrina um despejadouro mais largo, como nalgumas *ilhas* existe, serviria satisfatoriamente, desde que tivesse apenas um rebordo destinado a apoiar as vasilhas, de modo a tornar difícil que o pavimento fôsse sujo. Como o orifício da latrina, o despejadouro deve ser fechado por uma tampa móvel, o mais perfeitamente possível. O lixo podia ser colectado à parte, num caixão apropriado, bem fechado e lavável, donde seria levado pelos carros lixeiros.

Eis as principais obras de que as *ilhas* carecem para se tornarem em casas habitáveis. São reformas pouco custosas e que melhorariam muitíssimo as suas condições de salubridade.

Vejamos como é possível realiza-las obrigando os proprietários a reformar as casas segundo as indicações que alvitramos e obrigando os inquilinos a cuidarem mais da limpeza e conservação das habitações. É claro que só uma legislação bem regrada, com disposições que não possam ser sofismadas, e com uma fiscalização sanitária rigorosa, pode conseguir esse *desideratum*.

Como vimos já, a legislação portuguesa sobre saneamento de habitações é muito deficiente. A razão

principal da sua ineficácia está na falta de autoridade dos funcionários de saúde, cujo trabalho não pode ser produtivo por esse motivo, apesar do Regulamento geral de saúde lhes dar poderes para vistoriarem as casas insalubres e prescreverem as obras precisas. Esse defeito capital, está bem expresso nas seguintes palavras do mencionado trabalho sobre «Tuberculose e habitação»:

«A efectivação das medidas prescritas pelos funcionários de saúde ficou a cargo das autoridades administrativas, e desta forma uma regulamentação que devia, pela letra expressa das disposições citadas, ser eficaz, não tem dado resultado algum apreciável. Pela passagem por essas autoridades, de carácter político, as ordens dos sub-delegados diluem-se a tal ponto que muita vez se não executa uma única das obras apontadas como necessárias. E assim o trabalho das inspecções domiciliárias resulta quasi inútil, não tendo o sub-delegado mais do que uma função consultiva, a cujos pareceres não corresponda na prática nada ou quasi nada de positivo. A lei cinca lamentavelmente neste ponto capital; a falta de autoridade executiva dos funcionários de saúde impede toda a fiscalização regular da sanidade habitacional, que só excepcionalmente, uma vez ou outra, por circunstâncias ocasionais, consegue exercer-se com proveito».

Todas as legislações sanitárias indicam aos funcionários de saúde a vistoria das habitações insalubres e por consequência a prescrição das medidas

precisas para que as causas da insalubridade desapareçam. A diferença entre os resultados que elas dão está na maior ou menor liberdade concedida a essa acção dos higienistas.

A legislação inglêsa que é citada como a mais adiantada em tudo o que diz respeito à salubridade das habitações, regulamenta detalhadamente as questões de saneamento das casas, expropriações, demolições e construções. Os funcionários de saúde encarregados da conservação das casas em bom estado sanitário (*inspectors of nuisances*) tem todo o apoio das leis para obrigarem os proprietários a executar as obras que dão. As autoridades sanitárias (*Local Government Board*) tem poderes executivos muito importantes.

É o que falta entre nós. A legislação sobre salubridade das habitações precisa de ser reformada, concedendo-se às autoridades sanitárias os meios necessários para que possa resultar proficua a sua fiscalização a todas as casas que constituam perigo para a saúde pública, e regulamentando esta fiscalização de modo que ela se faça com persistência e se efectuem obras de manifesta utilidade.

O Pôrto com a sua enorme taxa de mortalidade carece de muita atenção em questões de saúde pública, que até agora não lhe tem sido dispensada. Entre os problemas de saneamento do Pôrto, o das habitações, e especialmente o das *ilhas*, é de primeira importância. São tantos os defeitos dessas miseráveis habitações, que conseguindo remediar as mais pre-

judiciais ter-se-ia feito uma obra importantíssima, que, com certeza, dentro dum prazo não muito longo, havia de se refletir nas taxas de mortalidade, e por consequência ter beneficiado toda a maneira de viver dos habitantes da cidade.

~~~~~

## CONCLUSÕES

O Pôrto é uma das mais insalubres, senão a mais insalubre das cidades da Europa.

Essa insalubridade é devida em grande parte às péssimas condições sanitárias das habitações das classes pobres. Entre essas habitações destacam-se as *ilhas*, que reúnem todos os caracteres da insalubridade, elevados até um limite quasi inultrapassável.

Nas *ilhas* do Pôrto aloja-se uma população miserável, que ali vive numa promiscuidade de animais.

Os defeitos mais perigosos das casas das *ilhas*, principalmente os que dizem respeito à ventilação e iluminação, fundamentais em higiene habitacional, podem ser muito reduzidos

com pequenas obras. As latrinas, sempre que fôsse possível, deviam ter sifões hidráulicos; pelo menos, o que em todas se pode fazer, as fossas deviam ser separadas, colocando-as em boas condições de impermeabilidade e ventilação.

O exame das condições económicas do inquilinato nas *ilhas* permite que se possam exigir essas reformas sem que as casas subam a um preço incompatível com as posses dos habitantes.

Com uma polícia sanitária rigorosa, regulada por uma nova legislação, poderia melhorar-se muitíssimo a salubridade da habitação das classes pobres e por consequência a da cidade. Com a actual legislação sanitária essa polícia não pode ser eficaz, porque os funcionários da saúde pública não tem verdadeira autoridade, que garanta a execução dos seus pareceres.

## OBSERVAÇÃO I

Quem desce a rua de S. Vítor, com os seus 8 metros de largura, de macadame, dum e doutro lado vê sucederem-se os portais das ilhas, mostrando as séries de casinholas que as constituem.

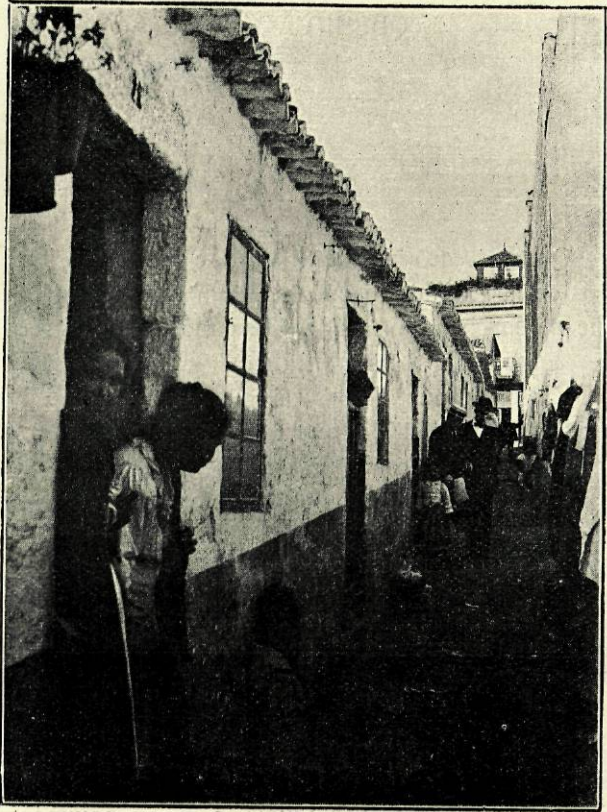
Entremos numa delas; a construída no chão destinado a um prédio, e que tem o n.º 113.

Apresenta-se esta ilha em ligeiro declive da entrada para o fundo, orientada do nordeste a sudoeste, com ruela de 1<sup>m</sup>,20 de largo, mal empedrada e em precárias condições de limpeza.

Consta de uma fiada de casas, ao lado direito da ruela, todas de rés-do-chão, com portas e janelas mal conservadas, e paredes de 2<sup>m</sup>,30 de alto, de pedra mal rebocada; os seus beirais e telhados estão bastante deteriorados, não tendo tubos de queda para as águas pluviais.

Todas as casas são iguais, com os pavimentos levantados uns 10 centímetros acima do sólo da

viela; cada uma delas consta duma sala que comunica com uma alcôva e uma cozinha por duas aberturas sem portas, talladas em estreitos tabiques de madeira,



Obs. I — Ilha n.º 113 — Rua de S. Vitor

A iluminação é feita por uma telha de vidro e por uma janela de  $0^m,80 \times 0^m,50$  que dá para a sala, sobre a qual se abre também a porta de madeira que dá entrada para a casa.

A sala com a largura da casa, cêrca de  $4^m$ , tem  $1^m,80$  de fundo; a alcova, que tem  $2^m,50$  de largo por  $1^m,50$  de fundo e  $2^m$  de alto, é separada da cozinha por um tapamento de madeira mal caiada.

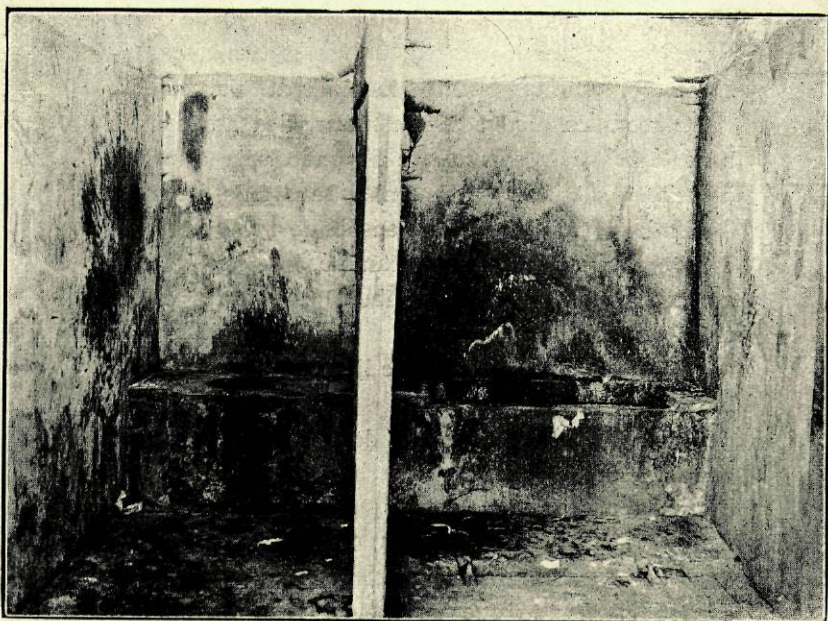
O tecto da alcova, em estuque, fica assim mais baixo que o da sala que é formado pela armação do telhado. Ao lado da cozinha, encostada á parede do fundo da casa, tem as dimensões de  $1^m,50 \times 1^m,50$ , e apresenta uma pequena chaminé, insuficiente para a tiragem dos gases de combustão, segundo informam os inquilinos.

O estado de conservação e limpeza da casa deixa bastante a desejar.

Entre duas casas, a meio da ilha, no espaço que ocuparia uma delas, há uma latrina e um despejadouro, a par, separados por um tapamento de madeira. Cada um deles ocupa um quadrado de pouco mais de  $1^m$ , abrindo as suas portas para um pequeno espaço cimentado que os liga á viela da ilha. O chão, tanto da latrina como do despejadouro, é de madeira, abrindo-se para de tempos a tempos serem retirados os dejectos da fossa que lhes fica imediatamente subjacente.

A latrina tem assento de madeira, sem bacia, caíndo os dejectos directamente na fossa; é o modelo primitivo das casas pobres das aldeias e que vamos

encontrar repetido em quási todas as outras ilhas que visitámos. O despejadouro faz diferença apenas em ter uma larga abertura, formada por duas tábuas inclinadas em angulo agudo e deixando entre si uma



Obs. I — Latrina e despejadouro da *Ilha* n.º 113  
— Rua de S. Vítor

fenda bastante larga para por ela serem lançados todos os variados lixos domesticos. Tudo isto exala um fétido insuportavel, e é impossivel conservar-se sofrivelmente limpo.

Na ilha não há poço, e os habitantes abastecem-se da água da fonte das Fontainhas.

Pela ilha vagueiam galinhas, que, á falta de ca-poeiras, são recolhidas nas habitações.

O inquérito sôbre a população deu o seguinte resultado:

| Casas | Número de pessoas e seu estado       | Época da domiciliação | N.º de leitos | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes | Custo do aluguer |
|-------|--------------------------------------|-----------------------|---------------|------------------------------------------|------------------|
| 1     | Casal e 2 filhos..                   | 10 anos               | 2             | Sapateiro . . . . .                      | 1\$00            |
| 2     | Casal . . . . .                      | 5 "                   | 1             | Músicos ambulantes. . . . .              | 1\$00            |
| 3     | Casal . . . . .                      | 5 "                   | 1             | Serviçais . . . . .                      | 1\$00            |
| 4     | Mãe e 3 filhos. . .                  | 9 "                   | 3             | —                                        | 1\$00            |
| 5     | Casal . . . . .                      | 7 "                   | 1             | Pintor . . . . .                         | 1\$00            |
| 6     | Casal, filho e 1 rapaz . . . . .     | 8 "                   | 2             | Sapateiros-c. \$30 .                     | 1\$00            |
| 7     | Casal, 2 filhos e 1 mulher . . . . . | 7 "                   | 2             | Picheleiro . . . . .                     | 1\$00            |
| 8     | Casal . . . . .                      | 4 "                   | 1             | Tecelão . . . . .                        | 1\$00            |
| 9     | Casal e 3 filhos. .                  | 2 "                   | 2             | Marceneiro-\$40. .                       | 1\$00            |
| 10    | Mãe e filha. . . . .                 | 6 "                   | 2             | Carrejona . . . . .                      | 1\$00            |
| 11    | Casal e 3 filhos. .                  | 7 "                   | 2             | Marceneiro-\$60. .                       | 1\$00            |
| 12    | Casal e 3 filhos. .                  | 12 "                  | 2             | Carrejão . . . . .                       | 1\$00            |

#### OBSERVAÇÃO II

Esta, situada mais abaixo do mesmo lado da rua e com igual orientação, baixa em sucessivas escadas desde a entrada até ao fim do prédio; a ruela tem de

largura 1<sup>m</sup>,20 por cêrca de 20<sup>m</sup> de comprimento e é mal lageada.

Ao fundo da ilha existem galinheiros térreos, que



Obs. II — Ilha n.º 141 — Rua de S. Vitor

juntamente com a péssima latrina que fica junta, tornam ali a atmosfera insuportável.

Todas as casas constam apenas de rés-do-chão, á excepção da primeira á entrada que é de andar e cujos baixos são ocupados por uma oficina de latoeiro. O solo das casas fica ao mesmo nível que o pavimento da ruela. Os telhados são, como os da ilha anterior, de telha antiga, muito deteriorados, com uns velhos tubos de queda á cair aos pedaços. As paredes, de pedra mal rebocada, assim como as portas e janelas, estão já velhas.

Uma das casas do fundo da ilha, que não são numeradas, e que pode servir de modelo por as outras lhe serem bastante semelhantes, compõe-se de três divisões, separadas umas das outras por tapamentos de madeira caiada: uma sala á frente e atrás uma alcova e uma cozinha.

A sala tem perto de 2<sup>m</sup> de fundo por 3<sup>m</sup> de largo. O pé direito é de 2<sup>m</sup>. A alcova com 1<sup>m</sup> de fundo, estende-se até duas terças partes da largura da sala, ficando o resto do espaço ao lado para a pequena cozinha. Da sala deitam para o exterior a porta e a janela; esta tem 1<sup>m</sup> × 0<sup>m</sup>,70. A cozinha tem uma pequena chaminé e o tecto da habitação é formada pela armação do telhado, caiada em tempos, e hoje defumada.

Dentro da ilha existem duas latrinas; uma ao fundo, dentro duma casa de pedra de 2<sup>m</sup> de fundo por 1<sup>m</sup>,20 de largo e 2<sup>m</sup> de alto, e outra á entrada, numa casa de pedra ainda mais pequena. Nenhuma

delas tem janela. Servem também de despejadouros de lixo, e são do modelo habitual, assento de madeira sôbre o alçapão que cobre a fossa subjacente.

Não há pôço; os habitantes abastecem-se da água da fonte das Fontainhas e da do Marquês de Pombal.

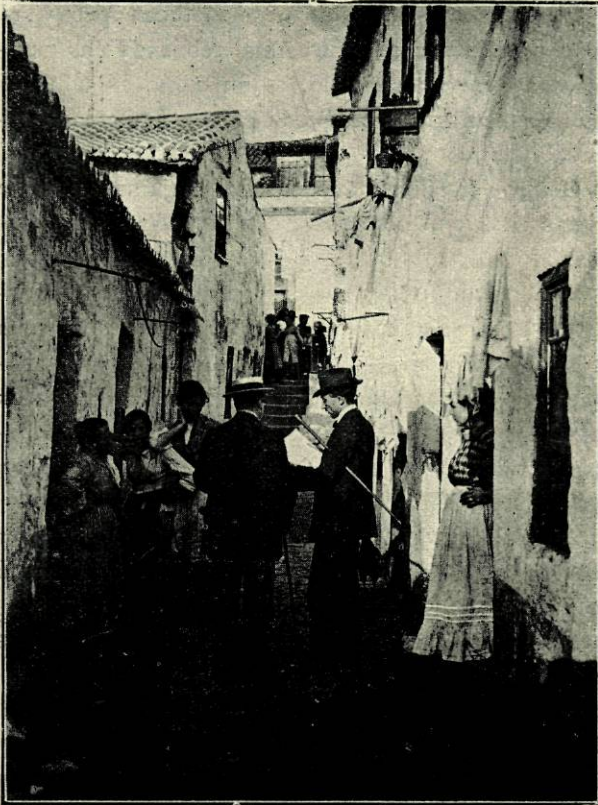
Quanto á população colhemos os seguintes dados:

| Casas | Número de pessoas e seu estado | Época da domiciliação | N.º de leitos | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes | Custo do aluguer |
|-------|--------------------------------|-----------------------|---------------|------------------------------------------|------------------|
| a     | Casal e 1 filho . . .          | 9 anos                | 1             | Operário da Camara-\$36. . . . .         | 1\$10            |
| b     | 2 mu.es e 1 criança            | 1 ano                 | 1             | Carrejona . . . . .                      | 1\$00            |
| c     | Casal e 3 filhos . . .         | 8 anos                | 2             | Guarda da Fábrica dos Tabacos            | 1\$50            |
| d     | Mãe e 3 filhos . . .           | —                     | 1             | Cigarreira . . . . .                     | 1\$50            |
| e     | Duas mulheres . . .            | 1 ano                 | 2             | Uma tecedeira e a outra servical         | 1\$50            |
| f     | Casal . . . . .                | 2 anos                | 1             | Guarda do Liceu-\$45 . . . . .           | 1\$60            |
| g     | Casal . . . . .                | 18 meses              | 1             | Bombeiro-\$60 . . . . .                  | 1\$60            |
| h     | Casal e 5 filhos . . .         | —                     | 3             | Fiteiro. . . . .                         | 1\$50            |
| i     | Casal e 1 filho . . .          | —                     | 1             | Funileiro . . . . .                      | 1\$50            |

### OBSERVAÇÃO III

Orientada de nascente a poente na estreita e sombria rua de S. Denis, apresenta à sua entrada umas escadas que conduzem ao seu pavimento que fica uns 2<sup>m</sup> abaixo da rua.

A ruela é muito mal empedrada, quási em terra, tem 1<sup>m</sup>,80 de largo e encontra-se em estado deplorável de limpeza.



Obs. III — Ilha n.º 13 — Rua de S. Denis

As casas não são todas iguais: do lado direito há 6 dum andar morando em cada uma mais duma família; as restantes são de rés-do-chão e são propensas a inundações por não haver diferença de nível entre o pavimento da rua e a soleira da porta.

De diferentes tamanhos, mas todas pequenas, são construídas com pedra, mal rebocada; as paredes estão em mau estado, assim como os telhados que não teem tubos de queda para a água das chuvas.

Dentro da ilha não existem alojamentos para animais: vivem com os seus donos dentro das casas.

Vistoriando uma casa, apresenta, como vulgarmente, uma sala à frente que comunica com uma alcova e cozinha, sendo estes compartimentos separados por um tabique de madeira. As dimensões da alcova são  $2^m \times 2^m$ ; as da cozinha, que tem uma pequena chaminé,  $2^m \times 1^m$ ; o pé direito é de  $2^m,30$ , sendo o tecto formado pela armação do telhado.

A sala de  $3^m \times 2^m$  é ventilada e iluminada por uma janela de  $0^m,80 \times 0^m,40$  e pela porta quando está aberta.

Na ilha existe uma sentina instalada nos baixos duma casa, nas piores condições de instalação possíveis, do mesmo modelo que as das outras ilhas miseráveis; esta ainda tem de pior não ter casa própria. Serve também para despejadoro para o lixo doméstico e está imunda. Tem subjacentemente ao seu pavimento a fossa.

Os habitantes desta ilha abastecem-se da água das Fontainhas.

O inquérito sobre a população deu o seguinte:

| Casas<br>—<br>Números | Número de pessoas<br>e seu estado      | Época da<br>domiciliação | N.º de leitos | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes      | Custo do<br>aluguer |
|-----------------------|----------------------------------------|--------------------------|---------------|-----------------------------------------------|---------------------|
| 1                     | Ocupada por operários para pernoitar.  | —                        | —             | —                                             | —                   |
| 2                     | Desabitada                             | —                        | —             | —                                             | —                   |
| 3                     | Casal e 1 filho ...                    | 2 anos                   | 1             | Carreção . . . . .                            | 1\$10               |
| 3 (a)                 | Pai e 2 filhos ...                     | 2 meses                  | 2             | Pintor-\$60 . . . . .                         | 1\$30               |
| 4                     | Mãe e 3 filhos ...                     | 1 ano                    | 2             | Serviçal . . . . .                            | \$90                |
| 5                     | Casal . . . . .                        | 7 anos                   | 1             | Emp.do comercial<br>—\$40 . . . . .           | 1\$00               |
| 6                     | Casal e 1 filho ...                    | 3 „                      | 1             | Soldado . . . . .                             | 1\$10               |
| 7                     | Mãe e filha . . . . .                  | 1 ano                    | 1             | Guardasoleira ...                             | \$90                |
| 7 (a)                 | Casal, 1 filho e um<br>homem . . . . . | 7 anos                   | 2             | Sapateiro . . . . .                           | 1\$10               |
| 7 (b)                 | Casal e 2 filhos ..                    | 3 „                      | 1             | Fiteiro-\$30 . . . . .                        | \$90                |
| 8                     | Mãe e filha . . . . .                  | 1 ano                    | 1             | Chapeleira . . . . .                          | 1\$10               |
| 9                     | Casal e 2 filhos ..                    | 5 anos                   | 1             | Guarda nocturno .                             | \$90                |
| 10                    | Uma mulher . . . . .                   | 1 ano                    | 1             | —                                             | \$90                |
| 11                    | Casal e 1 mulher.                      | 2 anos                   | 2             | { Sapateiro . . . . .<br>{ Carreção . . . . . | \$90                |
| 12                    | Um homem . . . . .                     | 1 ano                    | 1             | Guardasoleiro ...                             | \$80                |
| 13                    | Um homem . . . . .                     | 7 anos                   | 1             | Operário . . . . .                            | 1\$10               |
| 13 (a)                | Mãe e 2 filhos ...                     | 16 „                     | 1             | Padeira (sobreluga)                           | —                   |
| 14                    | Casal e 1 filho ...                    | 1 ano                    | 1             | Litógrafo-\$60 . . . .                        | 1\$10               |

## OBSERVAÇÃO IV

Situada no populoso Campo Pequeno, orientada sensivelmente de norte a sul, dando para a rua de macadame que corre á volta do terreiro triangular que dá o nome ao local, esta ilha é do tipo em fileira, mais em voga no Pôrto.

Para entrarmos nela temos de transpôr um túnel aberto sob a casa de habitação que dá para o Largo, e que tem um andar; ao fundo dêste começa a sentir-se um cheiro nauseante que nos despertou a atenção. É uma gaceira situada ao meio do pavimento da ruela da ilha, e que recoberta por uma grade de ferro, serve para o escoamento das aguas pluviais e de todos os detritos que os habitantes aí lançam; a acumulação dêses detritos putrefactos, retidos pela grade, exala um cheiro de um tal fétido que empesta a atmosfera de toda a ilha.

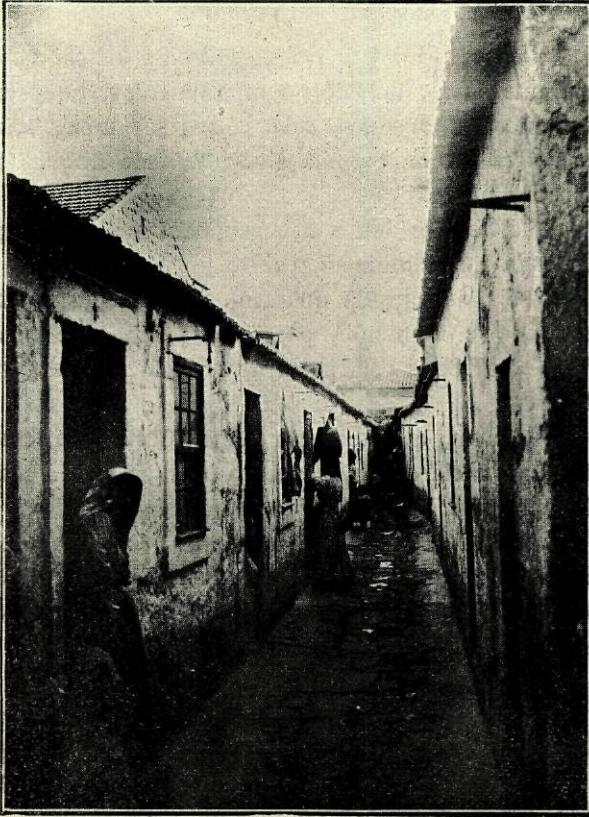
O pavimento da ilha, que fica um pouco acima do nível do passeio do largo, é mal empedrado e encontra-se em precário estado de limpeza.

A ilha é constituída por casas dispostas de ambos os lados ao longo da ruela central que méde 1<sup>m</sup>,80 de largo.

As casas oferecem um mau aspecto exterior, são de pedra mal rebocada e na sua frontaria não se nota mais que uma porta de entrada, tendo ao lado uma janela.

As casas medem exteriormente 2<sup>m</sup>,10 de altura,

mostram-se em mau estado de conservação, com os seus telhados bastante deteriorados, beirais em ruína, e não se vendo tubos para queda das águas pluviais.



Obs. IV — *Ilha* n.º 66 — Largo do Campo Pequeno

São soalhadas, mas o soalho fica ao mesmo nível da ruela central, de modo que as águas pluviais vão por vezes inundar a habitação.

Descrito assim a traços largos o aspecto geral da ilha, penetremos numa habitação e verêmos o seguinte:

As casas teem 3 divisões, sendo a principal a sala da frente; atrás, mais dois compartimentos, ambos em comunicação com esta sala, e que são uma pequena alcova e uma cozinha ainda de mais exíguas dimensões.

As divisórias destes compartimentos são de taipa rebocada e não atingem o tecto.

A sala de entrada que tem  $3^m$  de largo por  $2^m$  de fundo é iluminada por uma janela que mede  $0^m,70 \times 0^m,80$  e pela porta de entrada, quando está aberta.

A alcova, que tem por dimensões  $1^m,20 \times 2^m$ , não tem janela alguma, e outro tanto sucede á cozinha que tem  $1^m,20 \times 1^m$  e uma pequena chaminé.

A altura dos três compartimentos é de  $2^m,20$  em média, visto que o tecto, constituído pela armação do telhado, é em angulo, segundo a inclinação do telhado.

A iluminação artificial é feita por petróleo.

As habitações não possuem mais do que um despejadouro e uma latrina, achando-se situados logo á entrada numa pequena casa de pedra, sem janela, tendo  $2^m$  de fundo,  $1^m,50$  de largo e  $2^m$  de alto.

Não há palavras com que se descreva o estado

de imundície em que êsse compartimento se acha; nele se encontra uma latrina de madeira sem bacia, caíndo os excrementos directamente numa fossa situada por baixo do pavimento, o que, como todas as fossas das ilhas vistoriadas, não tem comunicação com a rede de esgotos.

Aí se encontra também um buraco maior destinado a despejadouro, onde os detritos aí lançados vão idênticamente à fossa única. É a repetição do modelo corrente das latrinas de ilhas.

A ilha não tem poço, e os seus habitantes abastecem-se de água na fonte do Largo do Campo Pequeno.

O inquérito à população pode resumir-se no seguinte quadro:

| Casas<br>—<br>Números | Número de pessoas<br>e seu estado   | Época da<br>domiciliação | N.º de leitos | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes                                           | Custo do<br>aluguer |
|-----------------------|-------------------------------------|--------------------------|---------------|------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 1                     | Viúva e 3 filhos,<br>mãe e irmã.... | 40 anos                  | 2             | Costureira-\$48 (so-<br>brealuga).                                                 | —                   |
| 2                     | Casal e 1 filho...                  | 3 „                      | 2             | Tecelão-\$38.....                                                                  | 1\$60               |
| 3                     | Casal e 3 filhos ..                 | 1 ano                    | 2             | Guarda republica-<br>no-\$51.....                                                  | 1\$60               |
| 4                     | Casal e 3 filhos..                  | 12 anos                  | 3             | { Pai-\$51.....<br>Filho—alfaiate-<br>\$28.....<br>Filha—costurei-<br>ra-\$10..... | 1\$60               |
| 5                     | Casal e 1 filho...                  | 5 „                      | 2             | Cocheiro.....                                                                      | 1\$60               |
| 6                     | Casal, 2 filhos e 1<br>irmão.....   | 1 dia                    | 2             | G. <sup>da</sup> republic.-\$51.                                                   | 1\$40               |
| 7                     | Casal e 3 filhos ..                 | 3 meses                  | 1             | Banheiro-\$30....                                                                  | 1\$40               |
| 8                     | Casal e 1 filho...                  | 2 anos                   | 1             | Guarda republica-<br>no-\$44.....                                                  | 1\$40               |
| 9                     | Casal.....                          | 1 ano                    | 1             | 2.º sargento-\$35..                                                                | 1\$40               |
| 10                    | Mãe e filha.....                    | 3 anos                   | 1             | Costureira-\$28...                                                                 | 1\$40               |
| 11                    | Casal.....                          | 6 „                      | 1             | Carpinteiro-\$40..                                                                 | 1\$20               |
| 12                    | Casal.....                          | —                        | 1             | { Marceneiro-\$50.<br>Padeira-\$08.....                                            | 1\$20               |
| 13                    | Mãe e filha.....                    | 6 meses                  | 1             | Serviçal.....                                                                      | 1\$20               |
| 14                    | Desabitada                          | —                        | —             | —                                                                                  | —                   |

## OBSERVAÇÃO V

A entrada faz-se por uma viela de 1<sup>m</sup>,50 de lar-  
go, ao lado duma mercearia com frente para a rua  
Miguel Bombarda, larga de 9<sup>m</sup> revestida a macada-  
me, e quasi toda ladeada de regulares edificios.

Esta viela que, numa pequena extensão, tem 1<sup>m</sup>,50 de largura, passa a ter o dôbro. Perpendicular a esta há uma outra, estreitíssima, que conduz à sentina, situada nas traseiras duma casa. Na ruela central, que tem casas de ambos os lados, o seu pavimento



Obs. V — Ilha n.º 341 — Rua Miguel Bombarda

é térreo e sulcado quâsi a meio por um rêgo que exala um cheiro fétido, devido a detritos domésticos que aí se encontram.

A orientação da ilha é noroeste-sudeste.

Não tem alojamentos especiais para os animais domésticos.

As casas são de pedra rebocada, muito velhas, mal caiadas, e dispõem duma porta de entrada e duma janela que lhe fica ao lado. Os seus telhados e beirais estão bastante deteriorados e sem tubos para águas pluviais. O pavimento das casas está situado um pouco acima do nível da ruela e é soalhado.

Olhando uma das casas, que são semelhantes, vê-se que interiormente não possuem mais do que 3 divisões, sendo a principal a sala de entrada, que tem  $3^m \times 3^m,50$  com  $3^m$  de altura; em comunicação com esta sala fica uma alcova com  $1^m,50 \times 2^m$  e uma cozinha com  $1,50 \times 1,50$ , tendo esta chaminé.

A separação entre os compartimentos é feita por taipa de madeira velha e suja. Os tectos vão na madeira da armação do telhado.

A iluminação e ventilação são feitas por uma janela que tem  $0^m,80 \times 1^m$ , e que na maioria das casas está francamente aberta, porque as vidraças estão quasi todas quebradas.

A iluminação artificial é obtida pelo petróleo.

A ilha possui uma latrina comum situada numa casa fechada, de pequenas dimensões ( $1^m \times 0^m,90$ ), um pouco desviada das casas da ilha. A latrina é de madeira, como as já descritas, serve para despejamento, e tem a fossa subjacente ao seu pavimento. Encontra-se em estado miserável de limpeza.

Não há poço, abastecendo-se os habitantes da fonte do Campo Pequeno.

A população da ilha consta das seguintes pessoas e nas seguintes condições:

| Casas | Número de pessoas e seu estado    | Época da domiciliação | N.º de leitos | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes | Custo do aluguer |
|-------|-----------------------------------|-----------------------|---------------|------------------------------------------|------------------|
| a     | Casal e 2 filhos ..               | 3 anos                | 2             | Tipógrafo-\$70 ...                       | 2\$00            |
| b     | Casal e 3 filhos ..               | 3 mezes               | 2             | Alfaiate .....                           | 2\$10            |
| c     | Casal e 3 filhos ..               | 18 "                  | 2             | Guarda civil-\$75 .                      | —                |
| d     | Casal e 2 filhos ..               | 3 "                   | 1             | Jardineiro .....                         | 2\$10            |
| e     | Casal e 2 filhos ..               | 7 anos                | 2             | Mercieiro .....                          | —                |
| f     | Casal, filho e avó<br>dêste ..... | 4 "                   | 2             | Carpinteiro .....                        | 1\$70            |
| g     | Casal e 1 filho ...               | 4 mezes               | 1             | Bombeiro-\$50 ...                        | 1\$80            |
| h     | 2 casais e 3 filhos               | 13 anos               | 3             | Maquinista .....                         | —                |
| i     | Casal e 1 filho ...               | 1 ano                 | 2             | Marítimo .....                           | 2\$10            |

#### OBSERVAÇÃO VI

Quem sóbe da Praça das Flôres a calçada mal empedrada e estreita da rua das Antas, vê dum lado e doutro velhas casas, onde abundam as entradas de ilhas. Estas estêdem-se por terrenos perpendiculares à rua, cuja orientação é aproximadamente norte-sul.

Entra-se para a ilha de n.º 106 por um portal sob uma casa dum andar.

A rua a êsse direito tem a largura de 4<sup>m</sup>.

Esta ilha é das mais imundas que tenho visitado. A sua entrada faz-se por um túnel com 1<sup>m</sup> de largo e em cujo pavimento empedrado se acumula toda a casta de dejectos, vendo-se as paredes em precárias condições de limpeza e conservação.

Transpôsto o túnel, depara-se-nos á direita uma fiada de casas, e á esquerda um muro que separa a ilha duns quintais vizinhos.

A rua central, para onde estão voltadas as casas da ilha, tem 5<sup>m</sup> de largo e não é empedrada, havendo unicamente uma valeta empedrada, que corre ao longo da frontaria das casas que serve para a condução das águas pluviais e que os inquilinos aproveitam para fazer a maior parte dos seus despejos.

Nela estão acumulados, aqui e além, montes de resíduos domésticos que exalam um cheiro insupportável.

A rua central não segue sempre com a mesma largura; próximamente a meio do seu comprimento aperta-se, não ficando com mais de 1<sup>m</sup> de largo para ir desembocar em declive num largo, do qual partem várias vielas muito estreitas para as quais se abrem outras casas.

Nestas estreitas vielas, onde o sol não penetra, a imundície é extrema e as casas aí situadas oferecem um aspecto desgraçado. Construídas miseravelmente, a sua conservação deixa imenso a desejar, e na sua limpeza nunca ninguém certamente pensou.

As casas são todas de tipo semelhante, só se dis-

tinguindo umas das outras pelo estado em que se encontram. As que estão situadas próximo da estrada, mais desafogadas e batidas pelo sol, não se nos apresentam tão deterioradas e imundas como as restantes.

As casas são em rés-do-chão, com o vão do telhado aproveitado. O pé direito é de 2<sup>m</sup>,50. As paredes são velhas, em muito mau estado, assim como os telhados, de telha antiga, e sem tubos de queda para a água das chuvas.

Penetrando numa das casas, temos a impressão de que a vida num desses antros deve ser impossível.

Os pavimentos de madeira carcomida, as paredes e os tectos denegridos pela fumarada dos fogões dão ao interior das habitações um aspecto lúgubre. As casas teem no rés-do-chão três compartimentos: uma sala de entrada com uma porta e janela, e uma alcova e uma cozinha com chaminé, nas traseiras daquela. As dimensões destes compartimentos são as seguintes: a sala tem 3<sup>m</sup>,50 × 2<sup>m</sup>,50, a alcova 1<sup>m</sup>,50 × 2<sup>m</sup>,30, e a cozinha 1<sup>m</sup>,50 × 1<sup>m</sup>,20. A janela é pequena; uma telha de vidro sobre a sala procura reforçar a parca iluminação natural.

Da sala de entrada parte uma escada muito íngreme que conduz a um quarto situado sobre a cozinha e parte da alcova, cujo tecto por esse facto abaixa consideravelmente. Esse quarto, feito assim no desvão do telhado, não é iluminado nem ventilado senão por uma fresta de exiguas dimensões

aberta na parede; o seu tecto é constituído pela armação do telhado. Mede quando muito  $1^m,80 \times 1^m,60$  e com a altura de  $1^m,20$  em média.

As casas teem por aberturas a porta de entrada e a janela adjunta, que se encontram muito danificadas, cheias de toscos remendos e com pedaços de velhos papéis substituindo os vidros que se partiram.

A ilha é servida por duas latrinas do costumado modelo simples. Uma situada numa casa encravada no muro que segue ao longo da ilha é de pequenas dimensões e serve de sentina e despejadoro. Está imunda, surdem dejectos de todos os lados, ficando-lhe a fossa subjacente.

Ao fundo da viela que conduz ao largo existe uma casota de madeira, já podre e mal remendada, onde se acha a segunda latrina, que serve também de despejadoro. O seu estado de porcaria é repelente.

A ilha não tem poço, abastecendo-se em água da fonte da Praça das Flores.

Notável pela sua imundície, esta ilha mostra bem que a insalubridade depende muito dos costumes dos habitantes; aqui, além de lançarem para as ruelas todos os detritos que não estão para levar aos despejadores, fazem dentro das suas habitações morada comum de homens e de galinhas.

O inquérito sobre a população forneceu os seguintes dados:

| Casas<br>Números | Número de pessoas<br>e seu estado           | Época da<br>domiciliação | N.º de leitos | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes  | Custo do<br>aluguer |
|------------------|---------------------------------------------|--------------------------|---------------|-------------------------------------------|---------------------|
| 1                | Casal e 1 rapaz . . .                       | 4 meses                  | 2             | { Tecelão . . . . .                       | 1\$20               |
| 2                | Casal e 3 filhos . . .                      | 2 anos                   | 2             | { Padeira . . . . .                       | 1\$20               |
| 3                | Casal e 7 filhos . . .                      | 18 meses                 | 3             | Sapateiro . . . . .                       | 1\$20               |
| 4                | Casal e 4 filhos . . .                      | 9 anos                   | —             | Chapeleiro . . . . .                      | 1\$20               |
| 5                | Casal e 6 filhos . . .                      | 2 "                      | 2             | { Tecelão-\$30 (p.)                       | 1\$30               |
| 6                | Casal e 3 filhos . . .                      | 9 "                      | 2             | { " -\$25 (f.)                            | 1\$00               |
| 7                | Casal, 1 filho e mãe<br>do marido . . . . . | 12 "                     | 2             | Marceneiro-\$60 . . .                     | 1\$00               |
| 8                | Casal e 2 filhos . . .                      | 1 ano                    | 1             | Tecelão-\$30 . . . . .                    | 1\$20               |
| 9                | 2 mulheres e 1 cri-<br>ança . . . . .       | 10 anos                  | 3             | Sapateiro . . . . .                       | 1\$20               |
| 10               | Casal e 2 filhos . . .                      | 30 "                     | 3             | Recoveira . . . . .                       | 1\$20               |
| 11               | Casal, 1 filho e pai<br>do marido . . . . . | 1 mês                    | 2             | Vendedor ambu-<br>lante . . . . .         | 1\$20               |
| 11 (a)           | Mãe e 2 filhos . . .                        | 1 ano                    | 2             | Pintor . . . . .                          | 1\$20               |
| 12               | Desabitada                                  | —                        | —             | Tecedeira . . . . .                       | 1\$80               |
| 13 e 14          | Casal . . . . .                             | 5 anos                   | 1             | { guarda fiscal-\$34                      | 1\$80               |
| 15               | Casal e 3 filhos . . .                      | 10 "                     | 3             | { Lavadeira . . . . .                     | 1\$00               |
| 16               | Mãe e filha . . . . .                       | 4 meses                  | 1             | { Chapeleiro-\$40                         | 1\$20               |
| 17               | Casal e 3 filhos . . .                      | 20 "                     | 2             | { Operária de fá-<br>brica-\$24 . . . . . | 1\$20               |
|                  |                                             |                          |               | { Operária de fá-<br>brica-\$20 . . . . . | 1\$20               |
|                  |                                             |                          |               | { Carreção . . . . .                      | 1\$20               |
|                  |                                             |                          |               | { Dobadeira . . . . .                     | 1\$20               |

## OBSERVAÇÃO VII

Ao lado direito de quem sobe a rua das Antas, no n.º 174, encontra-se uma porta estreita, a qual, subindo um degrau, dá ingresso num túnel de 1<sup>m</sup>,10 de largo.

O túnel, que tem um comprimento aproximado de 8 metros, sob uma casa de um andar, e mal empedrado e de paredes em mau estado. Transpôsto o túnel, vemos à esquerda, uma fiada de casas cujo aspecto exterior é mau, velhas e mal cuidadas.

A ruela para onde as casas estão voltadas é térrea e à entrada, em frente das duas primeiras casas, não tem de largo mais que 1<sup>m</sup>,30. Depois alarga um pouco, mas no terreno fronteiro às casas estão levantadas capoeiras térreas onde os habitantes guardam as suas galinhas. Por trás destas capoeiras há um muro que separa a ilha duns quintais próximos.

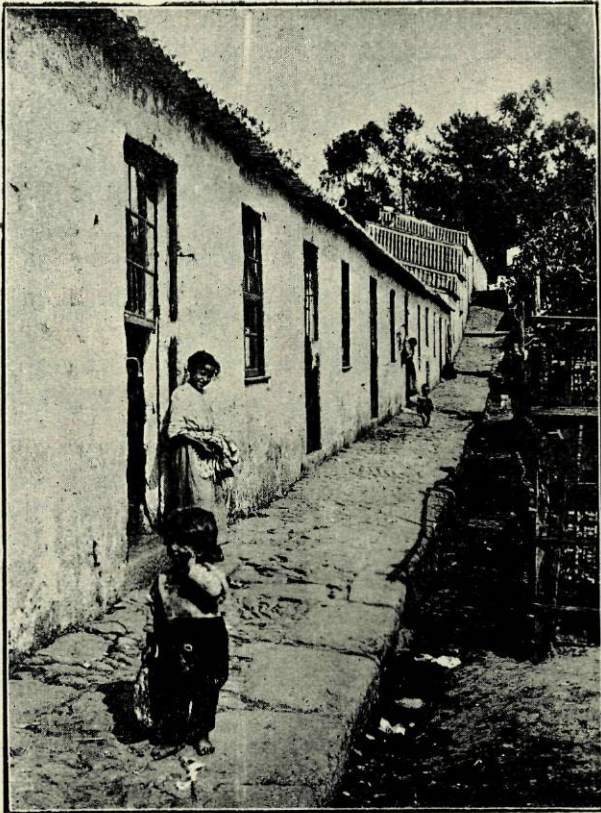
Em frente às casas há um passeio estreito mal empedrado, ficando o pavimento das casas situado ao mesmo nível dêsse passeio.

As frentes das casas, portas, janelas e beirais estão mal cuidados. Não há encanamento para as águas pluviais.

Para o fundo da ilha a viela sobe e as edificações acompanham esta variação do terreno. Umhas escadas de pedra conduzem às casas situadas na parte mais elevada do terreno. Fronteiras às últimas casas e

servidas por estas escadas, há duas oficinas de ferreiro com a respectiva forja.

Penetrando numa das casas, notámos que a sua



Obs. VII - *Ilha* n.º 174 - Rua das Antas

divisão é semelhante à de tantas outras casas de ilhas: sala à frente com alcovas ao lado direito e cozinha ao fundo. Fronteira à porta e separada da sala principal por um tapamento de madeira mal caiado, está a cozinha, munida de um fogão de tijolo com chaminé. À direita desta há duas pequenas alcovas com idênticos tapamentos. Estes tapamentos divisórios não atingem o tecto.

O tecto é da madeira que forma a armação do telhado, e que se encontra denegrido pelo fumo.

A parede da frente do prédio mede 2<sup>m</sup>,70 de alto e a parede do fundo 4<sup>m</sup>. A sala tem 4<sup>m</sup>,5 de largo por 4<sup>m</sup>,5 de comprimento. As alcovas teem 1<sup>m</sup>,80 de largo por 2<sup>m</sup>,90 de fundo. A porta da entrada mede 2<sup>m</sup> × 0<sup>m</sup>,90 e a janela 1<sup>m</sup>,20 × 0<sup>m</sup>,90.

A maioria das casas só teem uma alcova de dimensões análogas às da casa apontada, ficando-lhe logo contígua a cozinha.

A ilha é servida por duas retretes situadas em casas de pedra fronteiras às habitações, cujas dimensões são apenas as bastantes para o assento e a tampa da fossa que lhe fica subjacente; uma delas, de mais moderna construção, tem um despejadouro e uma latrina separados por uma taipa de madeira, que não atinge o tecto. As latrinas são, como o costume, de madeira, sem bacia.

A ilha tem um poço de tão má água que os habitantes dizem só se poder utilizar para limpeza. Para alimentação dizem servir-se da fonte da Praça das Flores.

O nosso questionário sôbre as condições dos inquilinos deu o seguinte resultado:

| Casas<br>—<br>Números | Número de pessoas<br>e seu estado | Época da<br>domiciliação | N.º de leitos | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes                             | Custo do<br>aluguer |
|-----------------------|-----------------------------------|--------------------------|---------------|----------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 1                     | Casal e 2 filhos . .              | —                        | 2             | Serralheiro . . . . .                                                | \$90                |
| 2                     | Casal e 2 filhos . .              | 1 ano                    | 2             | Varredor-\$20 . . . . .                                              | \$80                |
| 3                     | Casal e 3 filhos . .              | 14 anos                  | 2             | Afinador de teáres<br>-\$90 . . . . .                                | \$80                |
| 4                     | Casal e 3 filhos . .              | 8 "                      | 2             | Vendedor de jor-<br>nais . . . . .                                   | \$80                |
| 5                     | Casal . . . . .                   | 10 "                     | 2             | Operários de fá-<br>brica . . . . .                                  | 1\$00               |
| 6                     | Casal e 1 filho . . .             | 6 "                      | 2             | Serralheiro-\$40 . .                                                 | \$80                |
| 7                     | Casal e 1 filho . . .             | 17 "                     | 3             | Varredor-\$32 . . . . .                                              | \$80                |
| 8                     | Casal e 2 filhos . .              | 14 "                     | 2             | Tecelão . . . . .                                                    | \$80                |
| 9                     | Casal e 3 filhos . .              | 14 "                     | 2             | Tecelão . . . . .                                                    | \$80                |
| 10                    | Casal e 4 filhos . .              | 18 "                     | 2             | Serralheiro . . . . .                                                | \$80                |
| 11                    | Casal e 3 filhos . .              | 5 "                      | 2             | { Tamanqueiro . . . . .<br>Costureira . . . . .                      | \$80                |
| 12                    | Pai e filho . . . . .             | 17 "                     | 2             | Tecelão . . . . .                                                    | \$80                |
| 13                    | Casal e 4 filhos . .              | 10 "                     | 2             | { Empregado co-<br>mercial-\$60 . . . . .<br>Serviçal-\$28 . . . . . | 1\$20               |
| 14                    | Casal . . . . .                   | 10 "                     | 1             | Trolha-\$50 . . . . .                                                | \$80                |
| 15                    | Casal e 2 filhos . .              | 8 "                      | 2             | Serralheiro-\$60 . .                                                 | \$80                |
| 16                    | Casal e 1 filho . . .             | 17 "                     | 2             | Tecelão . . . . .                                                    | \$80                |
| 17                    | Casal e 3 filhos . .              | 10 "                     | 3             | Trolha-\$30 . . . . .                                                | \$80                |
| 18                    | Casal e 4 filhos . .              | 8 mezes                  | 2             | { Serralheiro . . . . .<br>Operária de fá-<br>brica . . . . .        | \$90                |
| 19                    | Casal e 1 filho . . .             | 1 ano                    | 2             | Carrejona . . . . .                                                  | \$80                |
| 20                    | Viúvo e 3 filhos . .              | 4 mezes                  | 2             | Serralheiro-\$20 . .                                                 | \$80                |

## OBSERVAÇÃO VIII

A disposição desta ilha não mostra a habitual viela sôbre a qual alinham uniformemente as habitações; as suas casas estão irregularmente dispostas em redor dum largo.

O terreno em que a ilha assenta é muito acidentado, de modo que as suas casas ficam em diversos planos, conforme as elevações e depressões do solo.

Entra-se para a ilha por um portal com casa dum andar ao lado esquerdo.

As casas são de diferentes tamanhos, tendo um aspecto exterior razoável, mas os seus telhados estão mal cuidados; não teem encanação para águas pluviais.

Junto às casas o solo é térreo, com uma regueira empedrada. O pavimento das casas é nivelado pelo solo, mas à direita há duas casas, situadas num desnível do terreno e servidas por uma escada; na sua frente ficam rudimentares capoeiras de galinhas.

A ilha estende-se por um comprido terreno, tendo entrada também por umas escadas estreitas que vão ter à rua de S. Roque.

A casa que visitámos estava imunda. Tem 2<sup>m</sup>,10 de altura na frente e 3<sup>m</sup>,50 de altura na parede do fundo.

Fronteira à porta está a cozinha com chaminé e contígua a esta existe uma sala com alcova, da qual

é separada por tapamento de madeira. Desde a porta até à parede do fundo da cozinha vão  $4^m,50$ ; esta tem  $1^m,80$  de largo. A alcova é de exíguas dimensões:  $2^m \times 2^m$ , e dá para uma sala que à frente ocupa



Obs. VIII — *Ilha n.º 52* — Rua das Antas

o restante espaço, cêrca de  $2^m,50 \times 3^m,60$ . A porta da entrada tem  $1^m,85 \times 0^m,90$  e a janela  $0^m,70 \times 0^m,90$ . Os tectos são de madeira defumada pelo fumo da cozinha e servem directamente de armação ao telhado.

A ilha tem duas latrinas situadas em planos diferentes, comunicando com a mesma fossa; o modelo é o habitual. Ficam perto das casas. Estão porquíssimas.

Não tem pôço a ilha; a água é trazida da fonte da Praça das Flores.

A população da ilha vive nas seguintes condições:

| Casas | Número de pessoas e seu estado   | Época da domiciliação | N.º de leitos | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes         | Custo do aluguer |
|-------|----------------------------------|-----------------------|---------------|--------------------------------------------------|------------------|
| a     | Casal e 2 filhos . .             | 16 anos               | 2             | Filhos - peli-<br>queiros . . . } \$10<br>} \$30 | 1\$00            |
| b     | Casal . . . . .                  | 12 "                  | 1             | Pedreiro \$44 . . . .                            | 1\$10            |
| c     | Casal e 1 filho . .              | 4 "                   | 2             | Pedreiro-\$40 . . . .                            | 1\$00            |
| d     | Viúva, fi. <sup>a</sup> e 1 neto | 3 mezes               | 2             | Sapateiro . . . . .                              | 1\$10            |
| e     | Casal e 1 filho . .              | 6 anos                | 2             | Matador de suínos                                | 1\$00            |
| f     | Mãe e 3 filhos . . .             | 30 "                  | 2             | Fiadeira-\$16 . . . .                            | 1\$80            |
| g     | Um homem . . . . .               | 2 mezes               | 1             | Picheleiro-\$50 . . . .                          | 1\$10            |
| h     | Casal . . . . .                  | 3 anos                | 1             | Tecelão . . . . .                                | 1\$20            |

## OBSERVAÇÃO IX

A entrada faz-se na rua de S. Brás, de macadame e larga de mais de 12 metros, mesmo em frente do cemitério da Lapa por um túnel numa grande extensão, por baixo duma casa de dois andares, com entrada independente, que deita para a rua. Ao fim dêsse túnel de entrada, que tem cêrca de 20 metros, há uma fiada de 4 casas do lado esquerdo a seguir a alguns metros de horta; do lado direito a ilha é vedada por um muro caiado de 2<sup>m</sup> de altura; ao fundo existe uma loja da largura da ruela destinada a guardar carvão.

Todas as casas diférem, quer em dimensões, quer em compartimentos.

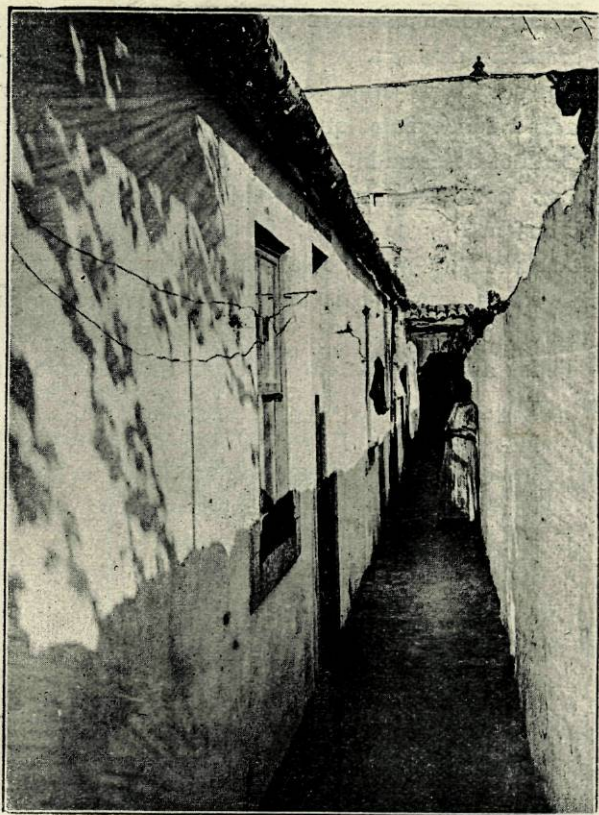
As paredes com 2<sup>m</sup>.50 de altura apresentam-se em boas condições de conservação, assim como as portas e janelas; os telhados são de telha marselha, tendo canos para águas pluviais, de regular aspecto.

A ruela, de 1<sup>m</sup> de largo, é bem cimentada. Na ilha há canos de esgoto, comunicando com os da rua do Paraíso, que recebem as águas das bancas das habitações, do lavadouro e das chuvas.

O lavadouro, com o poço bem coberto, fica situado à entrada, ao lado da primeira casa; perto há um galinheiro com capoeira, cimentado, e a pequena casa que abriga uma retrete.

O interior da casa que vistoriámos é dum asseio

escrupuloso e de muito boas condições higiénicas relativamente às casas das outras ilhas. Apresenta uma sala com  $3^m,50 \times 2^m,50$ . O pé direito é de  $2^m,30$ . Esta sala é iluminada e ventilada por uma janela de



Obs. IX — Ilha n.º 54 — Rua de S. Brás

0<sup>m</sup>,80 × 1<sup>m</sup>,10, e para ela se abre também a porta da casa.

Ao fundo há uma cozinha, com banca e chaminé, que tem 1<sup>m</sup>,80 de largo por 2<sup>m</sup> de fundo; a banca tem encanamento para saída das águas sujas.

Da sala partem umas escadas que dão subida para um quarto, com tecto estucado, de 2<sup>m</sup>,50 de fundo por 3<sup>m</sup>,50 de largo, e cêrca de 2<sup>m</sup> de alto; este quarto é iluminado por uma janela de 0<sup>m</sup>,90 × 0<sup>m</sup>,80.

A iluminação artificial é feita por petróleo.

Na ilha existe a sentina, a que já nos referimos, que se encontrava muito limpa; instalada áparte em pequena casa de pedra, a caixa de madeira, com bacia de louça, assente sôbre o pavimento onde se abre a tampa da fossa subjacente.

O poço fica a poucos metros, com o seu tanque para lavar. Para alimentação os habitantes dizem trazer a água do fontenário mais próximo (Largo de S. Brás). É para notar a proximidade da fossa e do poço.

Os habitantes desta pequena e excepcional ilha, são os seguintes:

| Casas<br>—<br>Números | Número de pessoas<br>e seu estado | Época da<br>domiciliação | N.º de leitos | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes | Custo do<br>aluguer |
|-----------------------|-----------------------------------|--------------------------|---------------|------------------------------------------|---------------------|
| 1                     | Casal . . . . .                   | 30 anos                  | 1             | Propriet.º da ilha .                     | —                   |
| 2                     | Mãe e fi.º (adulto)               | 7 " "                    | 2             | Emp.ºo comercial                         | 2\$60               |
| 3                     | Casal . . . . .                   | 2 " "                    | 1             | Guardasoleiro \$60                       | 2\$20               |
| 4                     | Casal e 1 mulher                  | 2 " "                    | 2             | Ourives . . . . .                        | 3\$10               |

## OBSERVAÇÃO X

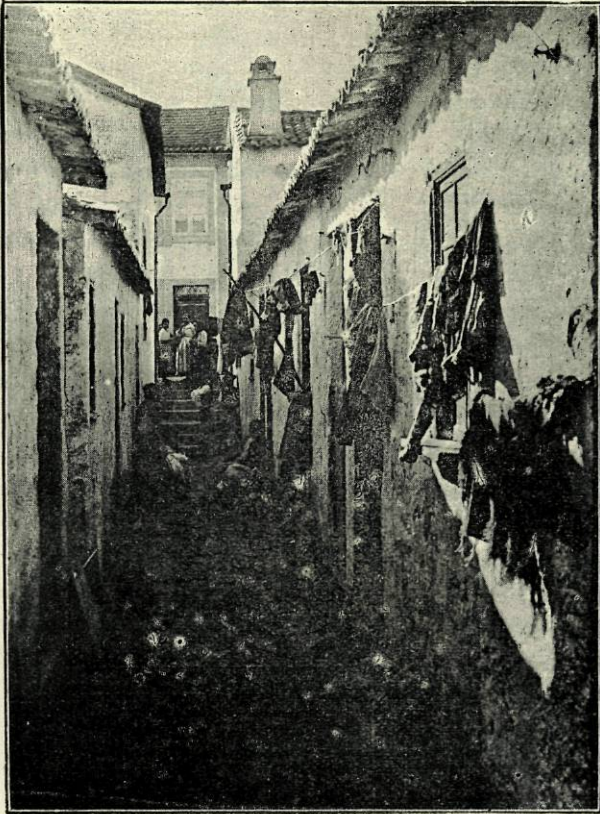
Continuando a subir a uniforme rua de S. Brás, do mesmo lado direito, fica a meio da sua extensão um grupo de ilhas que, construídas antes da rua, ficaram num nível bastante inferior. Entrámos na que tem o número 264 e que para a rua mostra duas casas de rés-do-chão.

A sua orientação é, como a da ilha anterior, sensivelmente leste-oeste.

Esta ilha desce em escadas à entrada, ficando o pavimento da ruela cêrca de 1<sup>m</sup>,50 abaixo da rua de S. Brás. Ao fundo sobe em novas escadas que conduzem a uma retere que fica por detrás da última casa.

A ilha consta de duas fiadas de casas, separadas uma da outra por uma ruela de 1<sup>m</sup>,70 de largo, mal empedrada.

Apresentam todas só rés-do-chão; as portas, janelas, paredes e telhados encontram-se regularmente conservados; as paredes são de pedra rebocada de



Obs. X—*Ilha* n.º 264—Rua de S. Brás

pouco mais de 2 metros de altura; os beirais dos telhados não tem canos para águas pluviais, sendo lançadas directamente no solo e escoando-se por uma gateira, à entrada da ilha, que comunica com a antiga rêde dos esgotos da rua.

Do lado esquerdo e entre duas casas existe um poço com má cobertura de madeira, cuja água é sómente utilizada para lavagens.

Olhando o interior duma casa, vê-se que é dum dos tipos mais vulgares, apresentando à frente uma sala que comunica com uma alcova e cozinha.

A sala que tem  $3^m,50$  de largo por  $1^m,80$  de fundo é iluminada por uma janela de  $0^m,45 \times 0^m,85$ . O tecto, ennegrecido pelo fumo, é formado pela armação do telhado. A alcova de  $1^m,75$  de largo por  $1^m,50$  de fundo é separada da cozinha por um tapamento de madeira, tendo esta as mesmas dimensões. O pé direito médio da casa é de  $2^m,30$ .

Todas as casas são mais ou menos iguais, apenas as duas primeiras diferindo em serem um pouco mais altas.

Na ilha há uma latrina dentro duma pequena casa que tem as dimensões de  $1^m \times 2^m$ , com a altura de  $2^m$ . Não tem janela. Debaixo do pavimento desta fica a fossa com tampa de madeira, e ao lado e fora encontra-se uma pequena lixeira.

Para alimentação os habitantes da ilha dizem abastecer-se de água do fontenário do Largo de S. Brás. A água do poço utilizam-na para limpezas domésticas.

Como de costume, as galinhas vivem tanto dentro como fora da casa.

A população que a habita é assim constituída:

| Casas<br>Números | Número de pessoas<br>e seu estado | Época da<br>domiciliação | N.º de<br>leitões | Profissão<br>—<br>Receita dos habitantes | Custo do<br>aluguer |
|------------------|-----------------------------------|--------------------------|-------------------|------------------------------------------|---------------------|
| 1 e 2            | Casal e 5 filhos..                | 54 anos                  | 3                 | Sobrealuga . . . . .                     | —                   |
| 3                | Casal e 1 filho . . .             | 9 "                      | 1                 | Madeireiro-\$45. . .                     | 1\$10               |
| 4                | Casal e 3 filhos . . .            | 6 "                      | 2                 | Sapateiro. . . . .                       | 1\$10               |
| 5                | Casal e 1 enteado . .             | 5 "                      | 2                 | Carrejo. . . . .                         | 1\$10               |
| 6                | Casal . . . . .                   | 18 meses                 | 2                 | —                                        | \$90                |
| 7                | Casal . . . . .                   | 9 anos                   | 1                 | Sapateiro. . . . .                       | \$90                |
| 8                | Casal e 2 filhos . . .            | 20 "                     | 2                 | F.ª e stareira \$08                      | \$90                |
| 9                | 1 mulher . . . . .                | 8 "                      | 1                 | Servical. . . . .                        | \$90                |
| a                | Casal e 2 filhos . . .            | 1 ano                    | 2                 | Tamanqueiro. . . . .                     | 1\$00               |

# PROPOSIÇÕES

---

**Anatomia descritiva.** — Na capsula extrema existem fibras do corpo caloso.

**Anatomia topográfica.** — O conhecimento da anatomia regional é indispensável ao cirurgião.

**Histologia.** — Histologicamente não está bem determinado o feixe de His.

**Bacteriologia.** — O ensino desta cadeira devia ser feito junto dos hospitais de doenças infecto-contagiosas.

**Fisiologia.** — O músculo tetanizado não produz trabalho.

**Anatomia patológica.** — As lesões sifilíticas são diagnosticadas com relativa facilidade pelo único exame anatomo-patológico.

**Terapêutica.** — Na eclampsia o melhor tratamento é a sangria.

**Patologia externa.** — Dos antecedentes hereditários e patológicos depende a consolidação duma fratura.

**Higiene.** — O saneamento das ilhas só pode ser feito pela autoridade sanitária, com medidas parlamentares que obriguem rigorosamente.

**Patologia interna.** — Se era exagerada a opinião antiga acêrca da histeria e da continência sexual, é também exagerada a opinião moderna, que nega toda a espécie de relação entre as perturbações sexuais e a dita nevrose.

**Operações.** — Nunca se deve introduzir água na bexiga para fazer a *cistostomia*.

**Obstetricia.** — A sífilis é uma causa frequente de abôrtos e partos prematuros.

**Medicina legal.** — Além de 30 centímetros é impossível marcar com precisão a distância a que foi dado um tiro de revólver.

---

Visto.  
Lopes Martins  
Presidente.

Pode imprimir-se.  
A. Brandão  
Director-interino.

# ERRATA (1)

---

| Pag. | Linhas  | Onde está       | Deve estar    |
|------|---------|-----------------|---------------|
| 18   | 19 e 20 | do ar., se      | do ar., Se    |
| 18   | 22 e 23 | locatario. Há   | locatario, há |
| 21   | 2       | cousa           | causa         |
| 22   | 1 e 2   | demogénicos     | demograficos  |
| 23   | 3       | confronto o que | confronto que |
| 26   | 9       | dezasseis       | dez           |
| 26   | 15 e 16 | casos           | casas         |
| 26   | 21      | (14,64)         | (4,64)        |
| 29   | 12      | Pôrto           | Norte         |
| 38   | 14 e 15 | formulámos      | preenchemos   |
| 43   | 15      | em              | sem           |
| 63   | 10      | sol             | solo          |
| 65   | 20 e 21 | corresponda     | corresponde   |
| 70   | 4       | separadas       | reparadas     |

---

(1) Devido á pressa com que se fez a revisão, saíram muitos lapsos ; corrigimos os principais.